



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE – PPGEF (UNILAB/IFCE)
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

Registros e Reflexões de Pesquisa

**NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE: COM A
FALA AS PROFESSORAS DE EJA DA ESCOLA
SENADOR MARTINIANO DE ALENCAR –
BARBALHA – CEARÁ – BRASIL**

**Mestranda: Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias
Orientadora: Profª Drª. Elisangela André da Silva Costa**

Barbalha – Ceará/ 2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Dias, Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa.

D541r

Registros e reflexões de pesquisa / Idalina Maria Sampaio da
Silva Feitosa Dias. - Redenção, 2024.
89f: il.

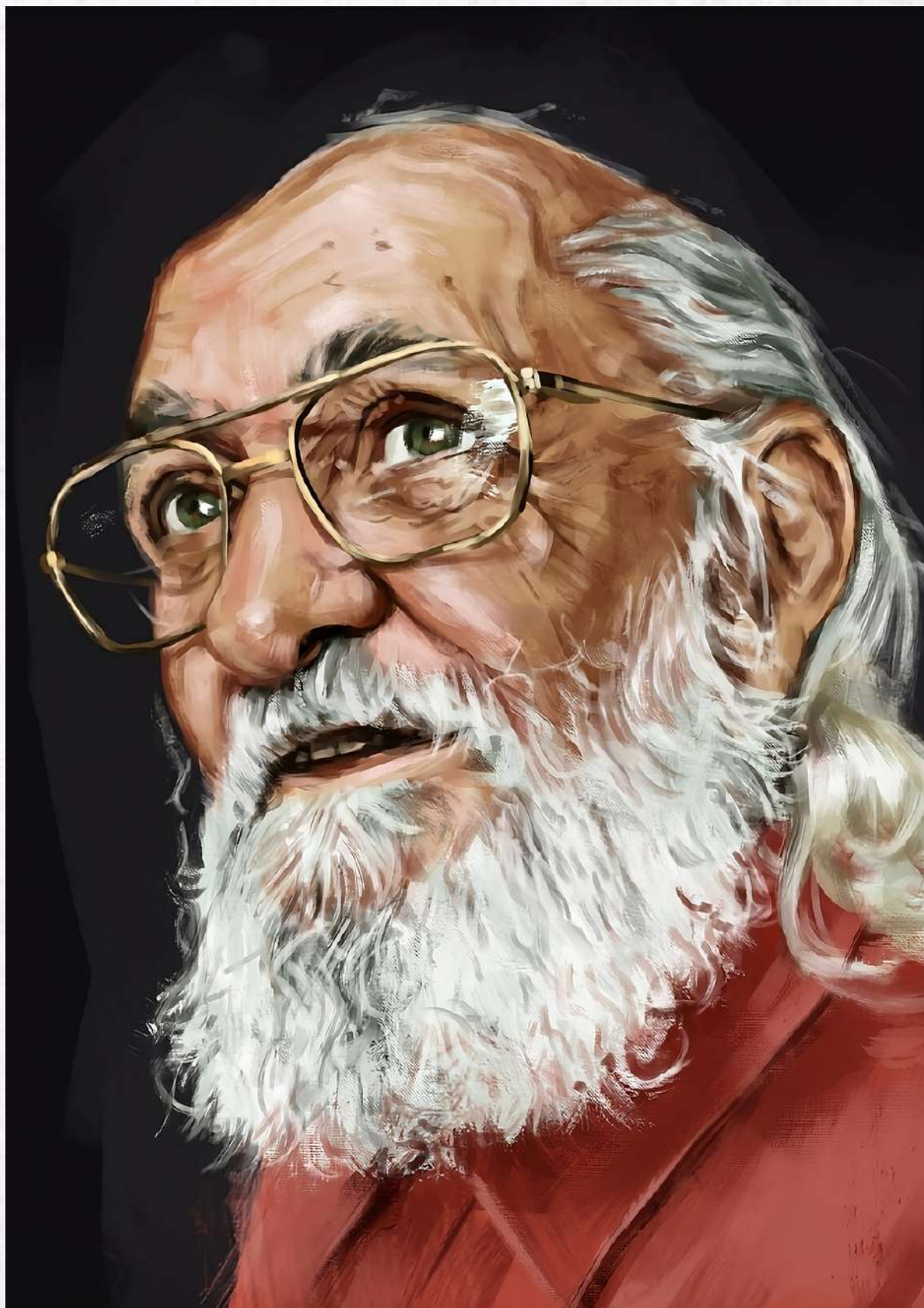
Outro - Curso de Ensino E Formação Docente, Mestrado
Profissional Em Ensino E Formação Docente, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção,
2024.

Orientadora: Prof. Dra. Elisangela André da Silva Costa.

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Formação docente. 3.
Narrativas da formação docente. 4. Pesquisa-ação-formação. I.
Costa, Prof. Dra. Elisangela André da Silva. II. Título.

CE/UF/BSCA

CDD 372



A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

AUTORAS

Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias

Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA) (2002), em Língua Portuguesa pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA) (2006) e Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) (2014). Especialista em: Ensino de Língua Portuguesa e Arte Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2004), em Gestão Escolar pela Faculdade de Juazeiro no Norte - FJN (2009) e em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC- RIO (2011). Mestra em Ensino e Formação Docente pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF UNILAB-IFCE). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Diversidade e Docência (EDDocência). Professora concursada da Prefeitura Municipal de Barbalha, desde 2006. Possui experiência também como formadora municipal na rede de ensino da cidade de Barbalha- CE e formadora regional pela CREDE 19, pelo Programa PAIC INTEGRAL. Pesquisadora na área de Educação, com ênfase em: Alfabetização, Avaliação e Formação de Professores, Didática e Práticas Educativas. E-mail: idalinamariasampaio@gmail.com

Elisangela André da Silva Costa

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (FAEPI). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual de Santa Catarina e em Educação Biocêntrica pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, onde atua como professora nos cursos de licenciatura do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN / UNILAB), nas disciplinas de Didática e Práticas Educativas; como professora colaboradora no Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS / UNILAB), como professora permanente do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (UNILAB/IFCE) e como Coordenadora Institucional do Programa Residência Pedagógica. Atualmente atua como professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), na linha Formação, Didática e Trabalho Docente. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Diversidade e Docência (EDDocência). Membro dos Grupos de Pesquisas sobre Formação do Educador (GEPEFE/USP) e Docência no Ensino Superior e na Educação Básica (GDESB/UECE). Pesquisadora na área de Educação, com ênfase em: Formação de Professores, Didática, Estágio Supervisionado, Práticas Educativas, Dialogicidade e Interculturalidade. E-mail: elisangelaandre@unilab.edu.br

Eu professor

**Pedindo licença aos presentes
Trago uma fala de admiração
A cada um dos docentes
Que batalha com afinco e determinação**

**Que na labuta diária ensina
Mas que constantemente aprende
Indo além da sua disciplina
Apresentando o caminho à frente**

**Professor que enxerga o educando
Tendo empatia por sua condição
Seguindo de perto, acompanhando
A sua trajetória e evolução**

**Os desafios são gigantes
Maior ainda o engajamento
Todos os esforços são constantes
Para o sucesso e o desenvolvimento**

**E assim segue no seu trajeto
De mestre e educador
Procurando com afeto
Ser para seu aluno um grande formador**

**E nos passos traçados
Se renova o esperar
Com saberes docentes alicerçados
Na emancipação e no humanizar**

**Por pedras ou flores
Na caminhada prosseguimos
Dando à trajetória múltiplas cores
Com fé e esperança agimos**

**Com força e coragem
Unidos no caminhar
Procurando com a aprendizagem
A vida de muitos transformar**

SUMÁRIO

Apresentação	06
Bases Teóricas e Metodológicas	07
Conhecendo os sujeitos participantes da pesquisa.....	09
Conhecendo os sujeitos colaboradores da pesquisa	10
Teia estrutural das vivências formativas	16
Visão geral da proposta formativa.....	17
Encontro Formativo I	19
Encontro Formativo II	40
Encontro Formativo III	47
Encontro Formativo IV	58
Encontro Formativo V	74
Achados da pesquisa	85
Considerações Finais	87
Referências	88

APRESENTAÇÃO

A Área de Ensino é, portanto, uma Área essencialmente de pesquisa translacional, que busca construir pontes entre conhecimentos acadêmicos gerados em educação e ensino para sua utilização em produtos e processos educativos na sociedade. (Capes, 2013, p. 01).

Dentro do escopo de um Mestrado Profissional faz-se necessário a apresentação de um Produto Educacional, que justifique, dê sustentação e concretude à pesquisa, este vindo a ser um recurso pedagógico que favoreça ainda mais o desenvolvimento de estudos.

O presente Produto Educacional, como material final da pesquisa em questão vem a ser um curso de extensão composto de cinco encontros formativos de forma remota, com as docentes de EJA participantes da presente pesquisa, tratando de aspectos relacionados à realidade da EJA, contando com a parceria e colaboração de professores universitários convidados que se dispuseram a contribuir com o estudo, bem como com a ampliação dos conhecimentos dos sujeitos participantes da pesquisa.

O mesmo pretende colaborar com a formação continuada de professores da Educação de Jovens e Adultos, bem como dar maior visibilidade a esta modalidade de ensino, proporcionando com isto, a possível ampliação do interesse de futuros investigadores/estudiosos por este campo de pesquisa.

O grande diferencial dessa investigação foi justamente trabalhar e dar destaque às narrativas das docentes de EJA participantes da investigação, construindo junto a estas professoras um movimento de autorreconhecimento e valorização de seus saberes docentes de experiência e a importância desses na construção e desenvolvimento da sua identidade profissional, assim como o ato de reflexão sobre toda a sua trajetória formativa.

Entendemos que a trajetória formativa dos professores exerce uma importante influência nas ações docentes realizadas em sala de aula por estes profissionais, sobretudo na aprendizagem dos educandos com quem estes atuam diretamente. Desta forma pensar a formação inicial e continuada de professores é enxergar e almejar a melhoria na qualidade do processo de ensino e aprendizagem como um todo, visando atender às demandas sociais que se apresentam na atualidade, indo além do processo de ensino, buscando alcançar a formação e a transformação do educando como sujeito humano no sentido mais profundo dessa expressão.

Seguindo as ideias da autora Selma Garrido Pimenta (1997), podemos afirmar o quão é importante que o processo formativo seja repensado e reestruturado, acontecendo de forma qualitativa e significativa ao educador, auxiliando na construção e desenvolvimento de sua identidade profissional, levando este a se colocar como sujeito ativo de sua própria formação para atuar frente às questões sociais que se apresentam no cotidiano, no ambiente escolar como um todo.

O processo de formação de professores sempre se deparou com grandes desafios, tais como: desvalorização da carreira de professor, mudanças e descontinuidades nas políticas formativas, valorização de fatores avaliativos quantitativos em detrimento à formação qualitativa humana nos processos de ensino, falta de infraestrutura e investimento na formação docente, dentre outras dificuldades que ampliam a fragilidade do ensino e aprendizagem. Adentrando no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, é possível visualizarmos ainda mais estas e tantas outras problemáticas que se apresentam quando nos referimos ao processo de formação dos professores para atuar nesta modalidade de ensino, ficando assim, à margem das políticas públicas para educação, um ponto que não deve ser esquecido seria a quase inexistência de formação docente voltada à EJA, desde a formação inicial.

Trazendo a linha de pensamento de Diniz-Pereira (2006), é possível afirmarmos que o sujeito docente é formado a partir de toda a sua trajetória de construção e desenvolvimento do seu ser como educador, durante todo o processo formativo, levando-se em conta ainda, que suas experiências de vida pessoal e profissional exercem influência determinante nas práticas pedagógicas.

E na Educação de Jovens e Adultos a formação docente se dá também ao passo que o docente conhece, reconhece e enxerga os educandos com quem irá atuar nas turmas de EJA, fazendo surgir um processo de formação concomitante entre educador e educando, levando em conta todas as narrativas dos desafios, das lutas, dos esforços e das conquistas de ambos os seres, visando uma aprendizagem significativa, assim como nos mostra Moreira (2011), entendendo que o processo formativo docente irá acontecer também a partir das vivências de sala de aula, num processo de partilha de saberes, conhecimentos e experiências de vida, onde o educador forma e transforma o educando, assim como é formado e transformado pelo seu estudante, sendo os dois, sujeitos ativos num processo que necessita ser dialógico e interativo.

Pensando assim, buscamos através da presente pesquisa apresentar e valorizar a voz das professoras da Educação de Jovens e Adultos da Escola Senador Martiniano de Alencar, procurando através de suas narrativas sobre sua formação docente entender os limites e as possibilidades da mesma, para a construção e o desenvolvimento do ser docente, bem como sua atuação em sala de aula, entendendo quem é este professor que adentra e atua na sala da EJA. Visualizando como, e se a formação docente dá sentido à sua prática e se ela atende às singularidades e necessidades da modalidade de ensino com a qual trabalham, trazendo em destaque os anúncios e denúncias desses mesmos professores sobre as suas trajetórias formativas, com seus caminhos e descaminhos.

Por esse trabalho investigativo acontecer num ambiente educacional a opção pela realização do mesmo através da abordagem qualitativa mostra-se como uma escolha adequada, devido à mesma buscar atuar com questões da compreensão do cotidiano, como nos apontam Ghedin e Franco (2011), dessa forma, é imperativo explorarmos a temática da formação de professores da EJA, não apenas com base na perspectiva teórica da questão, mas também a prática, considerando o cotidiano, no qual se inserem as vivências, experiências, limites, conquistas, dificuldades e lutas.

Essa pesquisa foi pensada a partir da observação, escuta e diálogos, em momentos de compartilhamentos de relatos de experiências vividas entre os professores no ambiente escolar sobre o cotidiano, o trabalho, e tudo o que é vivido na sala de aula de Educação de Jovens e Adultos – EJA, com suas particularidades, desafios, dificuldades, conquistas, limites, exclusões, bem como, a partir de minha própria vivência nesta modalidade de ensino.

A mesma configura-se como uma pesquisa qualitativa, pois busca trabalhar valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Ela investiga a complexidade de fenômenos, fatos e processos; perpassa pelo observável indo além dele, estabelecendo inferências e atribuindo significados, adentrando no ambiente e nas ações e reações naturais do sujeito pesquisado, “porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p 17).

O presente estudo investigativo será desenvolvido através das narrativas das trajetórias formativas dos professores da EJA, buscando compartilhar as experiências vividas e experimentadas de forma individual e coletivamente, no ambiente da sala de aula e na escola como um todo. Dessa forma a pesquisa narrativa vem a ser então uma forma de investigação-formação para os sujeitos pesquisados, no momento em que estes narram suas histórias e refletem sobre elas, ressignificando as mesmas e sua vivência como um todo, construindo e reconstruindo as trajetórias e sua identidade pessoal e profissional, num processo de amadurecimento do seu ser. Os professores trazem consigo inúmeras experiências e vivências a serem apresentadas e por isso suas narrativas tornam-se ambiente fértil para profundas pesquisas. É necessário pois, dar visibilidade à voz desses sujeitos e através dela desbravar o universo da sala de aula, do ambiente escolar, enfim, das várias nuances da educação.

Os sujeitos da investigação foram seis professoras do quadro efetivo da rede de educação do município de Barbalha, que atuam na Educação de Jovens e Adultos, etapas I e II, turno noturno da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar.

As mesmas serão representadas pelas palavras: BELEZA, GARRA, ESPERANÇA, FORÇA, LUTA, PERSEVERANÇA. Palavras que representam e expressam também os educados que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos, com quem estas atuam, pois estes trazem consigo a GARRA e a FORÇA na sua LUTA de cada dia, com a PERSEVERANÇA no recomeçar e a ESPERANÇA em dias melhores através da educação, encontrando a BELEZA no sonho de um amanhã transformado.

Com o intuito de nos aproximarmos e conhecermos cada vez mais os sujeitos da pesquisa traremos aqui o perfil de cada uma delas.

A professora BELEZA – tem 42 anos de idade, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 2009, fez curso de especialização no ano de 2019. Seu tempo de atuação com a docência está compreendido de 16 a 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 6 a 10 anos.

A professora GARRA – tem 56 anos de idade, possui graduação em Geografia pela Faculdade de Professores de Serra Talhada - PE, no ano de 2000, fez curso de especialização no ano de 2010. Seu tempo de atuação com a docência é de mais de 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 16 a 20 anos.

A professora ESPERANÇA – tem 56 anos de idade, possui graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 1998, fez curso de especialização no ano de 2008. Seu tempo de atuação com a docência é de mais de 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 16 a 20 anos.

A professora FORÇA – tem 40 anos de idade, possui graduação em Matemática pela Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 2009. Concluiu o mestrado – PROFMAT, agora neste mesmo ano de 2023, pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Seu tempo de atuação com a docência está compreendido de 16 a 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 6 a 10 anos.

A professora LUTA – tem 64 anos de idade, possui graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 1985, fez curso de especialização no ano de 1999. Seu tempo de atuação com a docência é de mais de 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 6 a 10 anos.

A professora PERSEVERANÇA – tem 65 anos de idade, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri - URCA, no ano de 2000, fez curso de especialização no ano de 2000. Seu tempo de atuação com a docência está compreendido de 16 a 20 anos de experiência. E com a Educação de Jovens e adultos já atua de 16 a 20 anos.



Profª Drª Elisangela André da Silva Costa

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (FAEPI). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual de Santa Catarina e em Educação Biocêntrica pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, onde atua como professora nos cursos de licenciatura do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN/ UNILAB), nas disciplinas de Didática e Práticas Educativas; como professora colaboradora no Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS / UNILAB), como professora permanente do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (UNILAB/IFCE) e como Coordenadora Institucional do Programa Residência Pedagógica. Atualmente atua como professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), na linha Formação, Didática e Trabalho Docente. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Diversidade e Docência (EDDocência). Membro dos Grupos de Pesquisas sobre Formação do Educador (GEPEFE/USP) e Docência no Ensino Superior e na Educação Básica (GDESB/UECE). Seus temas de interesse são Formação de Professores, Didática, Estágio Supervisionado, Práticas Educativas, Dialogicidade e Interculturalidade.



Prof. Ms. Bruno Miranda Freitas

Doutorando em Educação na Linha Formação, Didática e Trabalho Docente pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Educação na Linha Educação, Currículo e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela FMB e em Ensino de Ciências para os Anos Finais do Ensino Fundamental (Ciência é 10!) pela UNILAB/CAPEs. Graduado em Ciências da Natureza e Matemática com habilitação em Biologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e em Pedagogia pela Faculdade do Maciço de Baturité (FMB). Atuou como Formador Regional de Ciências da Natureza na CREDE 8. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Diversidade e Docência - EDDocência/UNILAB, Docência no Ensino Superior e na Educação Básica - GDESB/UECE e do Grupo de Pesquisa e Extensão Laboratório de Educação Matemática - LEDUM/UFC (www.ledum.ufc.br) cadastrados no diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. Têm experiência na área de Educação atuando nos seguintes temas: Ensino de Ciências, Estágio Supervisionado, Construção da Profissionalidade Docente, Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores, Histórias de Vida em Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica.



Proª Ms. Jeane Pereira Dantas

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (1991). Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade de Brasília - UNB, Administração Escolar pela Universidade Salgado de Oliveira e MBA em Educação Empreendedora pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Educação, Área de Concentração: Formação de Professores. É Supervisora Escolar efetiva, atuando na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, na Coordenadoria do Ensino Fundamental / Célula de Formação de Professores. Membro fundadora do Fórum Estadual da Educação de Jovens e Adultos do Ceará, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização - GEPA, grupo integrante do Projeto de Extensão Diálogos Reflexivos sobre a Prática Pedagógica dos Professores do Ciclo de Alfabetização da Universidade Federal do Ceará - Faculdade de Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino, Formação Docente e Diversidade - EDDocência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB.). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão, Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização, Formação de professores, gestores e coordenadores pedagógicos.



Prª Ms. Maria do Socorro Lopes da Silva

Graduada em Formação de Professores pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Licenciada em Português pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) , Especialista em Gestão Escolar pela Universidade de Santa Catarina, Mestre em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).Doutoranda em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Diversidade e Docência - EDDocência/UNILAB. Professora da Educação Básica.



Prª Drª Maria Kellynia Farias Alves

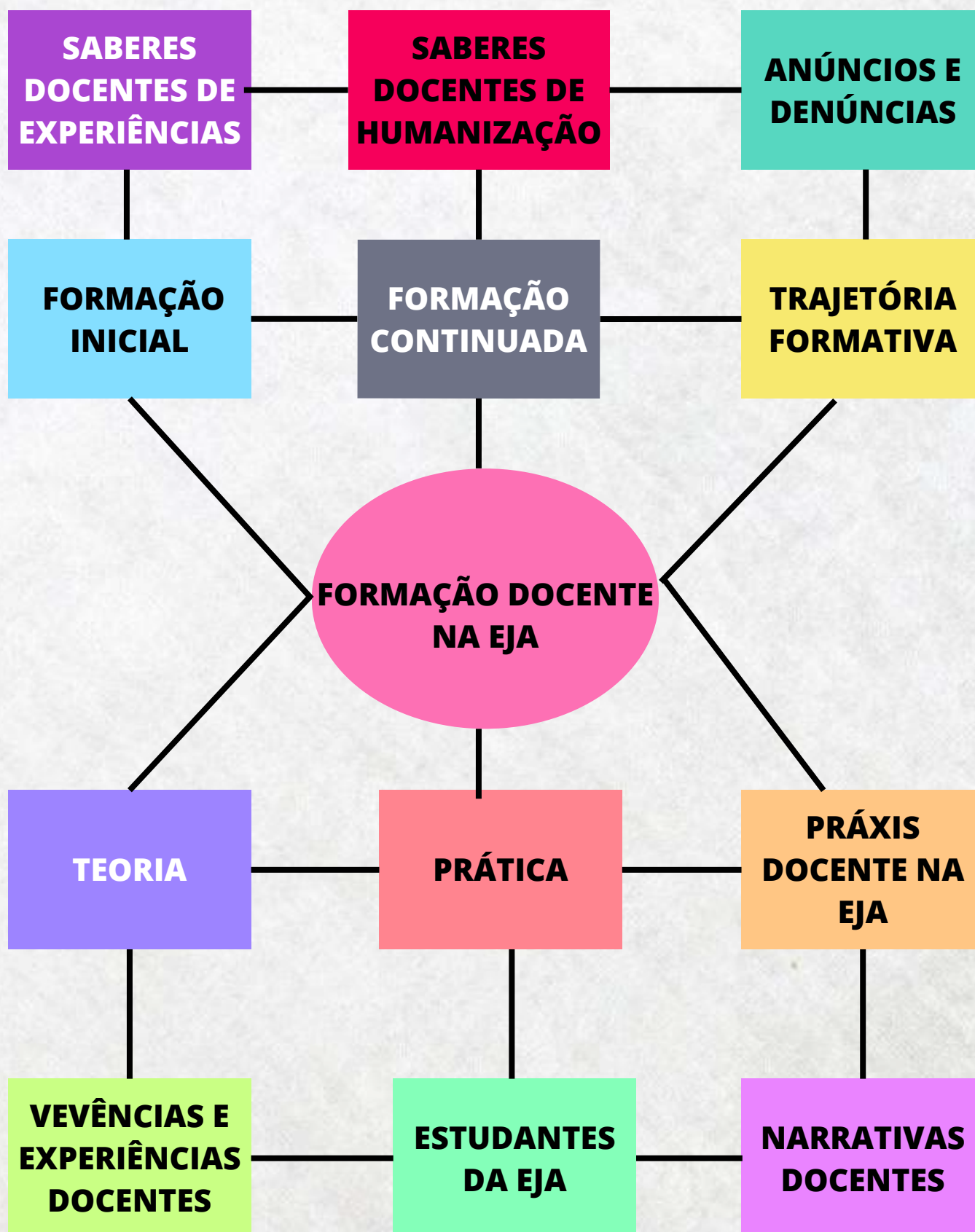
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2020). Pedagoga Antirracista, professora na Educação Básica da Prefeitura Municipal de Caucaia e professora substituta da Universidade Estadual do Ceará. Atuando principalmente nos seguintes temas: Formação continuada, Relações étnico raciais, Pretagogia, EJA, juventudes, educação indígena, educação e cultura popular. Membro do Núcleo das Africanidades Cearenses - NACE/UFC e do Núcleo de Educação Popular - CED/UECE, da Comissão Interinstitucional Educação Quilombola do Ceará e da Comissão Interinstitucional Educação Escolar Indígena do Ceará. Encantada pelas estéticas ancestrais e de resistência.



Prª Drª Francione Charapa Alves

Professor Adjunto da Universidade Federal do Cariri-UFCA. Pós-doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC/CAPES-DS, linha Educação, Currículo e Ensino (2012-2016) com Doutorado Sanduíche na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa- UL, Portugal (2015-2016). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará-UECE, linha de pesquisa Didática e Formação Docente/CAPES (2009-2011). Especialista Não Docente em Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA (1998). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Sá-UNESA (2017). Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Ciências e Letras de Cajazeiras-FAFIC (2007); Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri -URCA (1997) e graduação em Matemática para o Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (MPEDU/URCA); Professora do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Cariri (PROF-Filo); Professora do Mestrado Profissional em Saúde (PROF-SAÚDE) da Universidade Federal do Cariri em parceria com a FIOCRUZ; Líder do Grupo de estudos (auto)biográficos e pesquisas em formação docente, interseccionalidades e currículo (GEPAFIC); Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências da Natureza, Tecnologia e Educação (INCINATE/UFCA), e membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Educação, Sexualidades e Diferenças (LEGRAR); Coordenadora dos Subprojetos PIBID Multidisciplinar de Ciências Naturais e PIBID Filosofia da Universidade Federal do Cariri - UFCA (2018-2020). Coordenador Institucional do PIBID -UFCA (Atual). Coordenador dos Subprojetos PIBID Multidisciplinar de Ciências Naturais e PIBID Pedagogia da Universidade Federal do Cariri - UFCA (2020-2022).

TEIA ESTRUTURAL DAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS COM OS SUJEITOS DA PESQUISA



VISÃO GERAL DA PROPOSTA FORMATIVA

Os encontros formativos foram organizados da seguinte forma: acolhida das professoras (sujeitos da pesquisa), exposição dialogada da temática do encontro e atividade prática referente ao encontro, realizada no momento da formação ou em um outro momento.

As atividades proposta em cada encontro foram: produção de cartas pedagógicas sobre sua trajetória formativa e seu encontro com a Educação de Jovens e Adultos; criação coletiva de um estatuto para a EJA da Escola Senador Martiniano de Alencar; reflexão e resolução de questionamentos disparadores; desenho de uma árvore que representasse a visão delas para a educação como prática da liberdade e debate sobre os desenhos; resolução de indagações reflexivas, resgatando de suas memórias, aspectos positivos e/ou negativos para a construção de suas respostas.

As atividades sugeridas a cada encontro formativo serviram como aporte para a construção de conhecimentos e informações para a pesquisa, bem como a ampliação de saberes das professoras participantes do trabalho investigativo, num aprendizado mútuo entre pesquisador e sujeitos pesquisados.

Para deixarmos registrado trazemos aqui a imagem do folder que foi produzido para a divulgação dos momentos formativos que aconteceram uma vez por semana, de forma remota com as professoras de EJA, através do mesmo é possível visualizar como ficaram organizados esses encontros. Para o desenvolvimento dos mesmos contamos com a grande colaboração de professores (mestres e doutores), que abrilhantaram com falas e participações extremamente importantes sobre as temáticas propostas, abordando o universo da Educação de Jovens e Adultos.

VISÃO GERAL DA PROPOSTA FORMATIVA

Figura 1 - Folder dos Encontros Formativos (Frente)

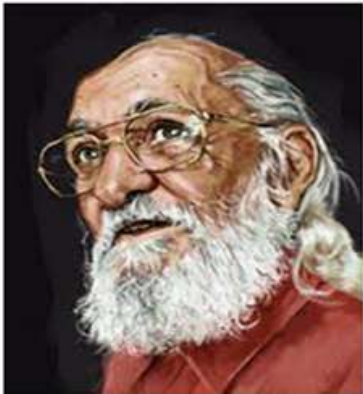
 <i>A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.</i> <i>(Paulo Freire)</i>	Realização PPGEF INSTITUTO PROFISSIONAL DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE Apoio UNILAB INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ICEN INSTITUTO DE EDUCAÇÃO UFCA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PPGEF PROFESSORADO DE PEDAGOGIA PROEX PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, CULTURA E INOVAÇÃO EDPOCÊNCIA Educação, Trabalho e Cidadania Coordenação Profa. Dra. Eliângela André da Silva Costa eliangelaandre@gmail.com Profa. Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias idalina.maria.sampaio@gmail.com Apoio técnico UNILAB (Seck Administrativa) Avenida da Abolição, 3 - Centro - CEP: 62.799-000 Redenção - Ceará - Brasil	NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE: COM A FALA AS PROFESSORAS DE EJA DA ESCOLA SENADOR MARTINIANO DE ALENCAR - BARBALHA - CEARÁ - BRASIL EJA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS Barbalha - CE Outubro / 2023
--	---	---

Figura 2 - Folder dos Encontros Formativos (Verso)

NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE: COM A FALA AS PROFESSORAS DE EJA DA ESCOLA SENADOR MARTINIANO DE ALENCAR		
Apresentação A presente formação, voltada a professores de Educação de Jovens e Adultos, surge a partir da necessidade de compreendermos as vozes dos docentes como referências que nos possibilitam adentrar neste universo complexo que é a educação. Ao nos aproximarmos das trajetórias formativas desses sujeitos, podemos compreender criticamente o modo como as mesmas auxiliam na construção de saberes e na formulação das práticas educativas que se desenvolvem junto aos educandos, tanto no ambiente da sala de aula, bem como fora dela. Quando debatemos o processo de formação docente dos professores da EJA, verificamos a presença de aspectos relacionados a quase inexistência de cursos de formação inicial e continuada que visem a preparação do professor para atuar com as turmas de EJA, vislumbrando suas especificidades e peculiaridades. Diante dessas reflexões, indagamos: Que elementos teóricos e práticos constituem a formação de professores no Brasil e como estes se relacionam com a concepção de educação como prática social situada? Compreendemos que os professores têm muitas histórias a contar e o conteúdo de suas narrativas é uma referência importante para entendermos as trajetórias formativas. Desse modo, que questionamos: Quais anúncios e denúncias sobre formação de professores de jovens e adultos emergem das narrativas de educadores que atuam nesta modalidade de ensino?	Diante do contexto exposto, justificamos a proposição do presente curso cujas intencionalidade se voltam para a percepção crítica da formação docente voltada aos professores da Educação de Jovens e Adultos - EJA, levando em conta as narrativas sobre suas vivências formativas visando a possibilidade de construção de significados emancipatórios para a formação de professores que podem resultar na melhoria do aprendizado dos educandos, sem perder de vista a integralidade das múltiplas dimensões que os constituem enquanto sujeitos. O curso, voltado para o coletivo de professores da E. E. F. Senador Martiniano de Alencar (Barbalha - Ceará - Brasil) expressa o compromisso com a qualidade da educação pública neste contexto. Objetivo Geral Colaborar com a formação dos professores de EJA da E. E. F. Senador Martiniano de Alencar e com o desenvolvimento das práticas educativas realizadas neste contexto. Metodologia O curso contará com a utilização de diferentes estratégias investigativo-formativas, como: • Vivências grupais; • Discussão de textos e vídeos relacionados ao tema da formação; • Relatos autobiográficos; • Rodas de conversa; • Construção de textos coletivos voltados à problematização e sistematização das práticas; • Construção de materiais formativos articulando momentos presenciais e a distância.	Avaliação / Certificação A avaliação da participação do cursista se dará através da frequência, da participação e realização de atividades propostas. A carga horária total do curso é de 60 horas, sendo divididas entre atividades presenciais e atividades a distância. A certificação ocorrerá após o encerramento das atividades e encontros. Programação 1. Acolhida, sensibilização e apresentação da proposta de trabalho (Dia 11/10/2023 às 19h) Profa. Dra. Eliângela André da Silva Costa (UNILAB) e Profa. Exp. Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias (PPGEF Unilab-Ife) 2. Abordagem da dimensão histórica e política da EJA (Dia 18/10/2023 às 19h) Profa. M^a. Jéssica Pereira Dantas (Ppgg-Uece) Prof. M^a. Bruno Miranda Freitas (Ppgg-Uece) 3. Quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos? (Dia 25/10/2023 às 19h) Profa. M^a. M^a do Socorro Lopes da Silva (Unilab) 4. A ação docente e a sementeira para a educação como prática de liberdade (Dia 01/11/2023 às 19h) Profa. Dra. Kelynia Farias (Uece) 5. Desvelando as vivências e experiências: roda de conversa explorando as narrativas docentes sobre a formação de professores da EJA - anúncios e denúncias (Dia 08/11/2023 às 19h) Profa. Dra. Francione Champa (Ufca)

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

Figura 3 - Card do I Encontro Formativo



Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

ENCONTRO FORMATIVO I

O Encontro Formativo I trouxe como temática: Acolhida, sensibilização e apresentação da proposta de trabalho, a mesma foi apresentada às professoras de EJA participantes da pesquisa de forma dialógica, interativa e participativa, trazendo também a proposta de trabalho para o presente estudo, no qual as mesmas teriam papel fundamental, pois a intensão era que os encontros formativos viessem a ser lugar e hora de fala para as mesmas, de forma a desenvolvermos uma escuta ativa das narrativas das trajetórias formativas e das vivências docentes das seis professoras participantes da pesquisa.

Para tal, a professora, Elisangela André da Silva Costa, veio participar como a primeira mediadora dos encontros formativos, trabalhando reflexões sobre as experiências formativas vivenciadas de forma individual ou coletiva, analisando as contribuições destas para a produção de conhecimentos e a ação docente na escola, assim como, o pensamento de quem somos e como a nossa história dialoga com a EJA.

O mesmo teve como objetivo a apresentação da pesquisa, o início dos encontros formativos, sendo estes o produto educacional da mesma, bem como uma maior aproximação com os sujeitos participantes do presente trabalho investigativo.

O Encontro Formativo I seguiu as ações apresentadas no quadro abaixo:

Temática do Encontro:
Acolhida, sensibilização e apresentação da proposta de trabalho.

Acolhida:
Exibição do vídeo-animação: Dia Mundial da Gentileza, com a música, Mudei, da artista brasileira, Kell Smith.

Breve apresentação da proposta de formação
Apresentação da temática do 1º encontro formativo

Apresentação e discussão sobre os pontos trazidos nos slides

Quem somos e como a nossa história dialoga com a EJA?
Reflexões iniciais a formação contínua de professores e a EJA
O que as nossas trajetórias formativas anunciam?
De que forma nossos processos de formação contínua nos ajudam a ressignificar as práticas de ensino?

Roda de conversa diálogo reflexivo sobre a temática

Avaliação do encontro

Proposta de produção reflexiva
Escritas de cartas pedagógicas

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

Ao final do encontro formativo a professora Elisangela André, solicitou às docentes da EJA participantes dessa pesquisa, a troca de cartas pedagógicas, nas quais poderiam relatar em cada linha escrita, com profundos detalhes, a sua trajetória formativa e suas narrativas sobre as experiências e práticas docentes desenvolvidas durante a sua vida profissional, em especial nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Abaixo trazemos as cartas que foram escritas pela professora Elisangela e as demais docentes participantes da pesquisa, bem como a pesquisadora.

Proposta de Produção do Encontro Formativos I

Cartas Pedagógicas

Partilha de reflexões sobre minhas trajetórias informativas e profissionais na EJA

Horizonte, Ceará, Brasil, 11 de outubro de 2023.

Prezadas colegas de Barbalha, saudações!

Escrevo essa carta com a alegria imensa de poder partilhar com vocês um pouco de meu processo formativo e profissionais na EJA para que conheçam melhor os caminhos e descaminhos de minha construção como pessoa e como professora.

Sou filha de pais da classe trabalhadora e de famílias que historicamente não tiveram o privilégio de frequentar à escola. Meus avós e a grande maioria de meus tios não teve acesso à educação, pois suas trajetórias de vida estiveram situadas em um momento histórico que a escolarização era uma realidade distante da maioria da população brasileira, sobretudo a que residia no interior do estado.

Na década de 1980, minha mãe e meu pai quebraram esse ciclo, buscando garantir oportunidade de estudos para mim e para meus irmãos na capital do estado do Ceará. Fomos morar em Fortaleza, levando na bagagem poucos recursos financeiros, mas muita vontade de ter acesso a oportunidades de formação e aos conhecimentos situados no âmbito acadêmico.

Minha vida inteira esteve situada na escola pública. Nela aprendi muitas coisas importantes como os conteúdos curriculares o respeito aos meus professores, o bem querer à escola e aos meus colegas de turma. Aprendi, igualmente, que nossas vidas traziam muitas coisas em comum, como a origem em famílias trabalhadoras humildes, com pouca instrução e poucas oportunidades. Nesse sentido, a formação era vista pela tanto pela minha família, quanto pelas escolas por onde passei como um meio para mudar de vida. Aprendi que a formação é o bem mais valioso que poderia dispor, porque ninguém poderia tirá-la de mim.

Fui, assim, aprendendo o valor da educação e o valor do trabalho. Essa vinculação é fundamental e não podemos esquecê-la de forma alguma. Contudo, a escola trabalhava essa questão como discurso e não como uma prática efetiva. A formação se dava através da obediência da memorização e da repetição. Essa prática era o que vigorava na educação básica. O professor era o detentor de conhecimentos que deveriam ser repassados aos estudantes, aos quais cabia somente a recepção passiva. Raríssimos eram os docentes que caminhavam numa perspectiva distinta, porque a visão de educação vigente entre as décadas de 1980 e 1990 era o que Paulo Freire denominava de bancária.

Só depois de conhecer esse autor foi que pude compreender que era tratada como tabula rasa como recipiente onde seriam postas informações.

Na minha formação universitária a mesma tradição educacional foi reproduzida. A preocupação com a nossa formação profissional como professores era restrita à dimensão técnica relacionada ao domínio do conteúdo específico que deveria ser transmitido aos educandos. A escola, nosso futuro local de profissão, era mencionada apenas pelos professores das práticas educativas e dos estágio se esses componentes curriculares eram guardados somente para os anos finais da graduação. Nesse período, eu já exercia a docência - aliás comecei cedo aos 15 anos - e a distância entre uma formação conteudista totalmente distante da realidade da vida real dos professores em efetivo exercício essa realidade me fez atravessar a minha graduação lado alado com o desencanto pelo curso de letras.

Minha salvação nesse período foi a aproximação com a EJA e o Programa Alfabetização Solidária no qual atuei durante quase toda a graduação a formação continuada dos alfabetizadores era conduzida pela UECE, numa perspectiva Freireana. Pela primeira vez, num processo formativo, minha voz foi realmente ouvida minhas experiências e conhecimentos realmente valorizadas. Alegria, criatividade, debates, estudos, arte, poesia... tudo caminhava junto integrado. Nossa incompletude e inacabamento que fazem de nós sujeitos históricos eram pontos de partida de tudo. A partir de nossas indagações, os processos de formação iam tomando forma e iam tendo sentidos e significados construídos. Reflexão, pesquisa e diálogo a partir da realidade nos permitiam não só acessar conhecimentos produzidos por grandes nomes da educação mas também construir novos conhecimentos.

Infelizmente, as práticas de formação contínua como as do programa de alfabetização não são a única realidade existente. Não raras vezes, ao longo dos 17 anos de vínculo de trabalho com a Prefeitura Municipal de Horizonte, revivi a perspectiva prescritiva e bancária de formação. Modelos formativos, como repasses, treinamentos, capacitação, com pautas e roteiros pensados distantes de nós, eram muito comuns. A visão dos professores como consumidores de informações transmitidas por técnicos era constante. A nós não cabia indagar, refletir, tão pouco se contrapor a proposta. A repetição acrítica, descontextualizada de informações e a materialização de rotinas eram as perspectivas metodológicas presentes. A dura realidade das escolas e dos estudantes não cabia nas pautas de formação e isso fazia com que todo o sentido de participar desses momentos fosse afetado negativamente. Essa era uma insatisfação sempre presente na minha trajetória.

Depois de muitos anos, já nos programas de pós-graduação, é que fui compreender as raízes e os horizontes dos modelos de formação em disputa. Um deles nos aliena e nos retirada condição de sujeitos da nossa história profissão. O outro nos emancipa e nos aponta a importância do exercício da autoria de nossas próprias práticas, sinalizando que somos professores e intelectuais capazes de produzir conhecimentos potentes sobre a própria profissão a partir da vivência profissional. Isso me motivou a, mesmo diante dos inúmeros desafios postos ao exercício da docência, buscar sempre oportunidades de estudo e formação que me permitissem encontrar espaço para a expressão da minha autonomia e de meu compromisso com uma educação que ajudasse os estudantes a pensar com suas próprias cabeças, como bem nos ensinou Amílcar Cabral, uma liderança política africana cujo pensamento o conduziram ao encontro com Paulo Freire. Ambos nos ensinam que o exercício do pensar autônomo precisa estar presente em nós e em nossos processos formativos.

Enquanto parei para redigir essa carta para vocês, que atuam com a EJA, lembrei de minhas trajetórias formativas e profissionais e suas relações com essa modalidade de ensino.

Entendi que a EJA surge como forma de responder a uma dívida do estado em relação à garantia do direito que os jovens, adultos e idosos deveriam ter tido em relação à educação. Penso que a oportunidade que me foi dada pelos meus pais, que migraram do interior para a capital para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar foi um privilégio e que se não tivéssemos tido essa oportunidade, teríamos todos sido público-alvo desta modalidade de ensino. Assim, fica patente a compreensão da distância ainda existente entre a educação como um direito proclamado e como um direito vivido.

Lembrei da riqueza de meu encontro inicial com a EJA, aos seis anos de idade, acompanhando minha mãe, que atuava como professora no Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral. Achava incrível a experiência de partilhar com os adultos alfabetizando, os conhecimentos que ia adquirindo na minha escola e em meu processo de alfabetização. Todos, naquele momento, descobríamos a leitura da palavra e a leitura do mundo, também. É lamentável que essas pessoas, com tanto potencial, não tenham conseguido viver a experiência da formação escolar durante a infância e a adolescência. Quantas oportunidades foram perdidas por eles.

Refletindo sobre as experiências vividas nas salas de alfabetização de adultos, percebo que a preocupação com a diversidade e, em especial com os educandos jovens e adultos, esteve e ainda está muito distante da academia. Se em minha formação inicial não havia uma disciplina sequer, voltada para a discussão da EJA e o preparo dos licenciandos para organizar suas práticas educativas considerando as identidades dos jovens e adultos pouco escolarizados, a realidade que vivo hoje como professora me revela que pouca coisa mudou neste contexto. Poucas disciplinas e muito pouco interesse por esse público. A academia continua sem preparar os licenciandos para atuar nas salas de EJA. Em relação aos processos de formação contínua vivido pelos professores, vejo pouco investimento por parte do ministério da educação. Tal fato reflete de maneira direta na ausência dessa perspectiva na rede estadual e municipal. Essa é uma forma de negar o direito à educação.

Felizmente, iniciativas como a que estamos vivendo acontecem e nos permitem aprender muito uns com os outros. Reflexão, ação, afetividade, diálogo... tudo isso é capaz de colaborar com o fortalecimento e resistência dessa modalidade de ensino.

Gostou do papo?

Quero saber de ti. Me conta um pouco de tuas trajetórias formativas e profissionais?
Fico no aguardo. Grande abraço

Elisângela André

Carta Pedagógica - Professora Perseverança

Juazeiro do Norte 04/ 11/ 2023.

Estimada colega Elisangela.

Começo a minha carta relatando as minhas experiências como professora da modalidade EJA em uma sala do 1º ao 5º Ano. Completamente heterogênea vários níveis diferentes, mas gosto de desvendar desafios, sou do tipo de profissional que não escolhi ser professor por falta de opção, escolhi porque realmente gosto do que faço.

Durante todos os meus 25 anos de educação já tive experiência em todos os níveis, do 1º ao 5º Ano, por ser pedagoga não lecionei no Fundamental II. Apesar de ser pós-graduada em Planejamento Educacional, Gestão e Orientação Escolar e Psicopedagoga e também dois semestres de psicologia.

A cada curso que faço aprendo mais a lidar com pessoas, especialmente com meus alunos. Sempre observei que os alunos da EJA são mais céticos em relação aos estudos e ao aprender, são mais tímidos e envergonhados, têm medo do novo e não têm esperança de concluir os estudos. Diante de toda essa realidade, sempre procuro deixá-los bem à vontade descontraídos e incentivando os mesmos a não terem medo do novo, vivenciando um de cada vez.

Sempre uso várias metodologias para explicar o conteúdo por que aprender não é como uma receita de bolo, cada aluno tem suas especificidades e níveis diferentes. Sempre trago tarefas já prontas de vários níveis, depois de já ter feito um diagnóstico pra saber o nível de cada um. Priorizo sempre Português e Matemática dando sempre atenção individual a cada um, de carteira em carteira, pois eles têm vergonha de perguntar. Para mim essa assistência individual é de fundamental importância, pois eles vão se sentindo mais seguros.

Procuro sempre conversar com eles sobre qualquer assunto e eles adoram relatar a história de suas vidas. Na minha experiência de EJA ao final de cada ano já estou apaixonada por cada personagem que compõe a sala, pois fico conhecendo a história de vida de cada um e aí vem a tristeza dos dois lados pra mudar de sala, muitos não querem sair da sala e nem mudar de professor. Afinal essa é nossa missão de professor estamos sempre nos conhecendo se apaixonando e se despedindo ao final de cada ano, mas sempre deixo um decreto para cada aluno meu, que jamais desistam de seus sonhos, que jamais digam que não são capazes, que acreditem em seu potencial, por que todos nós somos capazes de vencer qualquer obstáculo, para crescermos, é só acreditar, e eu como professora não só de EJA, adoro estimular, e ativar a consciência dos meus alunos, aprendo muito com eles, mas também gosto de proporcionar empoderamento, para que o mesmo se sinta seguro no seu percurso de vida e de vivência escolar.

Elisangela foi com muito prazer que te escrevi esta carta, em alguns relatos até me emocionei por que amo o que faço!!!!

Um grande e carinhoso abraço da professora Perseverança.

Carta Pedagógica - Professora Garra

Barbalha, 04 de novembro de 2023

Prezada Professora Elisângela!

A razão desta carta é para responder e partilhar um pouco sobre meu percurso formativo e ingresso no mundo prazeroso e desafiador da EJA.

Sou filha de pais pobres, batalhadores e empenhados em dar o melhor para seus filhos. Meu pai era alfabetizado, minha mãe não. Mas, apesar de não saber ler e escrever desenvolveu uma prática para acompanhar nossos estudos e garantir que realmente estávamos cumprindo com nossa obrigação (segundo ela), ou seja, ela nos fazia estudar em voz alta, assim ela tinha a certeza de que, realmente, estávamos estudando.

Sempre estudamos em escola pública, no entanto quando cheguei ao Ensino Médio (2º grau, na época) frequentei duas redes, frequentava pela manhã o Colégio Estadual, cursando o “Normal” e à noite o Colégio Santo Antônio (particular), cursando o “Científico”, graças a uma bolsa de estudo, conseguida por minha tia que era auxiliar de serviços gerais e conseguiu com o diretor, na época o Padre Paulo. Decidi fazer o Científico porque tinha interesse de adentrar a universidade, e lá eu veria todas as disciplinas que seriam exigidas no vestibular, onde no Normal o aprofundamento se dava nas disciplinas de didáticas.

Comecei na EJA, no ano de 2006, quando houve um processo, aqui no município, para diminuir a distorção idade-série. Os alunos que estavam com essa diferença de idade certa para a série, foram direcionados para sala de Educação de Jovens e adultos. Devido o número alto, foram abertas salas nos turnos vespertino e noturno. E assim, fui convidada a assumir essa modalidade, um pouco assustada no começo, mas tentando superar o desafio a mim confiado. E já se vão 17 anos sendo professora da EJA.

Apesar da Educação de Jovens e Adultos ser tão importante como qualquer outra modalidade de ensino, faz parte da LDB e mesmo assim, ainda não tem todo o suporte que as outras têm. A estrutura das escolas não é igual aos dos turnos diurnos, os livros didáticos não são adequados à quantidade de profissionais de apoio, quando tem, são insuficientes, funções a mais que nos são dadas. Nossas Formações Continuidas são tímidas, sendo que sabemos o quão importante e essencial são os momentos formativos, se desejamos uma educação de qualidade.

Corroboro professora, com sua carta quando fala, “iniciativas a que estamos vivendo nos permite aprender muito uns com os outros”. Sou realmente muito grata, por termos sido escolhidas a participarmos desse projeto tão rico e necessário. Posso afirmar que estamos tendo uma formação com F maiúsculo.

Muito obrigada.

Grande abraço.

Carta Pedagógica - Professora Esperança

Barbalha-Ce, 07 de novembro de 2023.

Cara Professora Elisângela!

A gratidão é o sentimento que hoje me inspira ao iniciar esta carta.

Através dos encontros a nossa trajetória de vida vai sendo traçada e enriquecida. Está sendo assim ao participarmos dessa pesquisa. Assim também como conhecer pessoas singulares, tratar com elas as temáticas que fazem parte da nossa vida profissional, tem um grande valor. Por isso repito: Sou grata.

Minha trajetória escolar foi pautada pelo empenho da minha mãe e esforço pessoal. Minhas oportunidades profissionais surgiram, como “quem planta e que foram brotando”, naturalmente.

Escolhas que hoje posso dizer, acertei. Quando alguém pergunta: - Sua profissão? Respondo, prontamente: PROFESSORA. Com orgulho.

Professora Elisângela, em sua apresentação, ao falar da sua cidade natal, Horizonte, já aconteceu uma sintonia, pois gosto demais dessa cidade, visito sempre, indo para a casa de minha irmã, que reside aí, já há muitos anos. Quem sabe um dia a gente se encontra... Seria um grande prazer!!

Para não deixá-la na curiosidade, talvez conheça - Ana Maria - o esposo dela foi vereador - Cícero Cruz. Cito assim, por ter tido esse cargo e ser mais conhecido.

Como a vida é interessante... somos presenteados por momentos e pessoas que fazem a nossa história de vida distinta. E, feliz é quem reconhece esses méritos, e faz por valer a pena o que lhe foi concedido.

Minha gratidão por partilhar ensinamentos, conhecimentos, esperança!

Termino parabenizando pelo caminho percorrido com excelência e maestria.

Um forte abraço!

Carta Pedagógica - Professora Beleza

Barbalha-Ce, 13 de novembro de 2023.

Cara professora Elisangela,

É com muito carinho que escrevo essas linhas, pois ter a oportunidade de partilhar histórias é um privilégio para poucos nesse mundo tão complicado. Vamos lá! Espero que minha companheira de profissão e de partilhas esteja muito bem ao receber esta carta.

Falar sobre minha história é para mim um tanto complicado. Fui educada em família muito rigorosa e isso me marcou. Minha mãe estava quase terminando o que hoje chamamos de Ensino Médio, quando conheceu o meu pai. Ele, por sua vez, não estudava e nem havia concluído o Ensino Fundamental, mas lia, escrevia e se comunicava muito bem. Era colecionador de livros, leitor, enxadrista, tocava violão clássico, escutava música erudita e um bom rock nacional. Meu pai não se encontrava na escola e achava que todos estavam muito aquém dele. Sim, ele sempre foi muito orgulhoso. Em menos de um ano casou-se com minha mãe, todavia, a proibiu de concluir os estudos e continuar trabalhando como secretária de uma indústria de óleos e derivados.

Nessa formação familiar, nascia Beleza, em 04 de outubro de 1981, na cidade de Juazeiro do Norte, sul do estado do Ceará. Minha mãe quase morre no meu parto, tinha que tomar sangue, entretanto, o meu pai, não queria assinar os documentos para autorizar. A questão é que ele estava se envolvendo com um grupo religioso extremista, as Testemunhas de Jeová. Minha mãe só não morreu porque minha brava avó materna, brigou com todos os religiosos e enfrentou o meu pai para que a filha recebesse a transfusão sanguínea. Depois de quase quatro meses, fui morar com a minha mãe, que já se recuperava. Quase não me acostumava com ela. Foi um começo bem complicado, segundo relatos da família.

Passados dois anos, minha mãe começou a me ensinar a cartilha do ABC e com três anos já lia muitas palavras. Com cinco anos lia de forma fluente. Mamãe ficava orgulhosa mostrando para todos que a filha única já lia muito bem. Ela decidiu continuar me ensinando em casa, mas com o passar do tempo foi obrigada a matricular-me na escola. Fui para uma instituição de freiras e comecei minha trajetória numa sala de alfabetização. Sofri muito, já que todos nessa turma ainda estavam aprendendo a ler. Fui rejeitada pelos colegas por responder todas as perguntas que a “tia” Anália fazia. Mas a raiva deles passava quando lia algumas histórias e anedotas que arrancavam risos. Para compensar a raiva que eles sentiam, eu também rodava a corda para a turminha pular, para a brincadeira com o trancelim eu comprava o elástico e o levava sempre na mochila para deixar na reserva. Escapei com vida, professora Elisangela! Para ficar só entre nós: eu também não era santa. Me vingava quando a raiva era minha.

Após sobreviver aos primeiros anos na escola, quando eu estava na terceira série, fomos morar na vizinha cidade do Crato. Passei os melhores anos da minha vida por lá. O que mais me marcou, foi a minha mãe ir até a Escola Municipal Pedro Felício, vizinho ao campus do curso de direito da Universidade Regional do Cariri, pedir que a minha professora da 4ª série me reprovasse. Eu quase morro de vergonha. Ela não aceitava minhas notas em matemática. Por mais que a professora tentasse convencer a minha mãe que eu era uma das melhores alunas que ela tinha na sala, minha mãe não aceitava o meu sofrido desempenho em matemática. Minha mãe tinha razão. Eu era péssima em matemática mesmo. Até hoje sou. Lamento que a tentativa de minha genitora em me fazer ser melhor em matemática tenha sido frustrada. Passei a odiar mais ainda essa matéria.

Voltamos para Juazeiro do Norte, pois o meu pai recebeu uma promoção na empresa que trabalhava. Sem concluir os estudos, se tornou gerente da empresa e fazia muito bem o seu trabalho. Eu já estava na tão sonhada 5ª série. Fui estudar no SESI de Juazeiro. Lá, encontrei um professor de música que me convidou para estudar saxofone. Iniciei os estudos com a partitura e com o instrumento. Em menos de dois anos já estava trabalhando oficialmente na Prefeitura Municipal de Juazeiro. Era a única mulher na banda de música da cidade. Professora, eu estava vivendo um sonho! Ainda aprendi a lutar por direitos.

Conheci algumas pessoas que começaram a falar de política comigo e me engajei em campanhas eleitorais do município. Minha primeira campanha foi para Ísis Tavares, candidata a prefeita pelo Partido dos Trabalhadores. Minha família quase surta. Lembra que meu pai era Testemunha de Jeová? Pois é! Não pode se envolver com política. Quanto a mim, estava em semáforos distribuindo estrelas vermelhas. Já pensou? Tive problemas em casa.

Nesse mesmo período comecei a namorar. Foi a época em que descobri que poderia tirar notas boas em Matemática se eu soubesse negociar trabalhos de Língua Portuguesa e História. Eu tinha colegas excelentes em Exatas, mas péssimos em Humanas e Linguagens. Uma mão lava a outra. Errado? Depende. Mas até que aprendi muito com os meus colegas nessas transações dos bastidores. Muitos professores sabiam dos acordos nos trabalhos e ajudavam a acobertar. Hoje eu sei o que eles já entendiam. Todo o meu respeito e admiração a cada um desses docentes que lutavam contra a evasão.

Cheguei ao temido e tão sucateado Segundo Grau. Vivenciávamos uma crise terrível na educação em 1996. Salas sucateadas. Lembro que perdi o dia da matrícula, mas a secretária me disse que se eu levasse um relógio de parede ela faria minha matrícula. Assim o fiz. Era uma aluna crescida do Segundo Grau. Muitos professores ainda fumavam na porta da sala de aula. Era comum, mas eu não deixava de achar estranho. Os professores faziam muito com o pouco que tinham. Nunca vi tanto milagre na minha frente. Eu amava cada um deles com os seus defeitos, paixões, lutas e perfeições. Sei o nome de cada um. Revivo, no dia de hoje, com muito respeito, cada história desses docentes.

Na transição da primeira para a segunda série, meu pai, já separado da minha mãe, me fez uma proposta de emprego. Na época, larguei os estudos e fui trabalhar. Sofri um golpe financeiro do meu contratante! Voltei para a escola, mas resolvi pagar uma instituição privada. Jamais iria conseguir quitar as mensalidades, mas minha avó, lá do início da luta com as bolsas de sangue para a minha mãe, propôs para a diretora os meus serviços com informática, já que poucos sabiam lidar com o pacote office na época, e ofertou também o meu trato no atendimento e com auxílio na secretaria escolar. Paguei o meu Ensino Médio com a força do trabalho e ainda conseguia um extra tocando saxofone. Trabalhava durante a manhã, estudava a noite. Colei grau. Namorei menos de um ano o segundo baterista da minha vida. Não tinha jeito, o meio musical influenciou o meu lado sentimental. Não recomendo. Músicos são pessoas complicadas, no geral. Eu me apaixonaria mais uma vez, entretanto, tenho o dever de dizer que isso é complicado. Casei e engravidei com um pouco mais de um ano de matrimônio.

Sentia uma falta enorme da vivência acadêmica, por isso prestei vestibular na Universidade Regional do Cariri, e lá encontrei amigos das noites com o saxofone. Eram os meus professores. Sim! Os meus amigos de noites em rodas de conversas, de empréstimos de livros e de bares badalados...eram os meus professores! Era uma mistura de estranho com algo muito bom. Só tive uma péssima experiência com Estatística Aplicada à Educação. O meu conhecido, colega de banda do meu marido, virou o meu algoz. Era matemática pura aquela cadeira sem coração. Apesar de ter perdido uma parte da minha dignidade com aquela disciplina, venci. Venci com enorme sensação de derrota. Eu não tinha tido boa base em matemática, isso se arrastou para o ensino superior. Não culpo o meu algoz. Jamais. Por favor, o nome algoz é só para manter o caráter de carta. Uma carta pessoal é algo sentimental. O resto... ofício!

Hoje, formada, já com dois filhos, estou atuando na rede privada e pública do município de Barbalha. Ainda quero continuar na vida acadêmica. Confesso que essa pesquisa de Idalina, todo esse trabalho, o contato com você, Elisangela, deixou sementes. Ingressar na EJA me fez reencontrar com o meu passado. Olho para as minhas alunas com histórias impactantes e digo: nós somos parecidas. Temos histórias vibrantes. Se eu consegui, você consegue! Qualquer um consegue se houver cooperação, incentivo, vontade e fé! Vamos? Eu te ajudo!!! Quero repetir e fazer por eles o que minha avó guerreira fez por mim. O que minha mãe me fez ao me ensinar as primeiras letras. Quero ter a paciência da minha professora de alfabetização. Ela merece o céu todinho! Ela aguentou uma aluna chata que não entendia que tinha de ficar calada sem responder. Ela nunca me recriminou por responder tudo. E a amo por isso e condeno minha impaciência diante de situações mais simples hoje. Quero aprender com os docentes de ontem, de hoje e do futuro. Quero continuar nesse caminho da Educação de Jovens e Adultos, pois comigo aconteceu algo parecido na vida quando parei de estudar para trabalhar.

Quero retribuir tudo de bom que recebi da escola. Ainda tenho energia para isso. Muita. Quero ter o gás do meu pai para ler uns quatro livros por mês. Só leio dois no sacrifício! Contudo, quero ter a humildade da minha avó para reconhecer que sem a escola tudo fica mais difícil. Quero honrar a memória dela. De alguma forma, todas as mulheres que tiveram suas vidas na educação interrompidas de alguma forma, falam aqui nessa carta. Minha avó Toinha sonhava com a escola. Ela queria ser merendeira da escola. Nunca teve a oportunidade, mas foi a melhor merendeira da família inteira. Foi a realizadora de sonhos com filhos e netas formadas. Dou o meu diploma todinho para ela. Lhe dou o meu coração.

Barbalha, 06 de dezembro de 2023.

Querida Elisangela,

Olá!!! Me chamo Força, mas para os que me conhecem já algum tempo, chamam apenas de Força.

Sou professora de matemática desde 2007, tenho graduação em matemática pela universidade Regional do Cariri, pós graduação em Educação Matemática pela URCA, Gestão escolar pela FJN, coordenação Pedagógica pela UFC e Gestão escolar pela UEVA e ainda possui mestrado em matemática também pela URCA em parceria com o PROFMAT.

Minha trajetória dentro da educação teve seu pontapé dentro do leito familiar ao passo que sendo a mais velha dos filhos tinha a responsabilidade de cuidar dos meus irmãos enquanto a minha mãe fazia o ensino supletivo no período vespertino, os cuidados também implicavam nas lições escolares que eu teria de orientar meus irmãos. Os anos se passaram e já próximo dos 18 anos casei e nesse período só havia concluído o ensino médio. Em casa sempre tinham aulas de matemática e outras disciplinas como reforço escolar para filhos de algumas pessoas mais próximas. Em 2006 iniciei a faculdade de matemática e já em seguida iniciei com contratos em escolas particulares do município, com alunos do fundamental II.

Ingressei no ensino público em agosto de 2007 na zona rural do município de Barbalha como contratada para lecionar no fundamental II. Algum tempo depois passei a ser professora responsável (cargo atribuído a pessoa que gerencia algumas salas de aula), coordenadora pedagógica, diretora e voltando a sala de aula em 2014 como professora efetiva do município de Barbalha. Nesse intervalo de tempo efetivei em concurso público no município de Juazeiro do Norte em 2011.

Em 2015 iniciei a lecionar jovens e adultos através do programa Projovem Urbano na cidade vizinha Missão Velha, no ano seguinte passei também a lecionar na modalidade EJA. Nesse período desafiador em levar aprendizado aqueles que de alguma forma não conseguiram concluir os estudos na idade certa, percebi que o olhar de cuidado precisava ser redobrado. A real necessidade em ter o diploma faz com que os alunos cheguem à escola, mas as dificuldades impostas a eles agora são maiores, pois carregam consigo a responsabilidade de um emprego (que os deixam fadigados para mais um turno de estudos), da família (que precisam dar assistência e ainda ficaram mais um período fora para estudos), além do desafio em acreditar que são capazes de aprender mesmo não sendo tão jovens. O desafio de todos nós professores dessa modalidade de ensino é além do ensinar é fazer com que esse aluno permaneça durante todo o período letivo. As histórias de vida e de dificuldade enfrentadas são enormes, mas nos fazem acreditar que mesmo diante todas as atribuições eles são capazes e podem mudar a história de vida deles.

O ensino na modalidade de Jovens e adultos nos motiva a trazer uma mudança significativa na vida de nossos estudantes, apesar de todas as dificuldades por nós enfrentadas desde a matrícula inicial que não há programa ou incentivo ao retorno dessas pessoas em que ainda não concluíram esta etapa de estudo ao qual ensinamos, O apoio pedagógico para os professores é bem escasso também, seja por parte da própria escola ou seja pela gestão municipal, as constantes ameaças de fechamento de salas entre tantas outras que não cabe aqui mencionar.

Apesar de todas as dificuldades estamos em busca de fazer a diferença na vida de nossos alunos, buscamos ajudar com a aprendizagem e incentivando através de visitas domiciliares, projetos escolares, sorteios de feiras e brindes para os alunos que tem frequência constante, oficinas, palestras e tantas outras coisas que trazemos para tornar dinâmico e atrativo o aprendizado.

Termino aqui minha fala na esperança que a EJA possa ser melhor enxergada pelos órgãos públicos e que seja sanada esse débito com essas pessoas que não conseguiram concluir seus estudos quando crianças e adolescentes.

Barbalha, Ceará, Brasil, 16 de outubro de 2023.

Prezada professora Elisangela André, saudações!

É com muito prazer que venho escrever esta carta em resposta à que recebi da senhora, na qual me foi possível vislumbrar o seu processo formativo e sua atuação junto à Educação de Jovens e Adultos.

Em alguns pontos nossa história de vida se assemelha. Também venho de uma família em que a educação ainda não era algo tão primordial, não devido à importância que se acreditava ter a mesma, mas porque naquela época a necessidade de trabalhar, diga-se de passagem, trabalhar desde de muito cedo, falava mais alto. Aos homens era determinado que precisavam trabalhar muito para o sustento da família e às mulheres cabia o trabalho de casa. Estas precisavam ser “donas de casa caprichosas”, que soubessem cozinhar, cuidar da casa, do marido e dos filhos que a vida presenteava. Apesar desse perfil para a camada feminina, na minha família, tanto do lado materno como paterno tive o privilégio de ter tias professoras, as mesmas eram mulheres que se dividiam entre o trabalho de casa e o das salas de aula por onde lecionavam. E tudo isso, no caso da minha mãe não foi diferente, era professora formada em geografia, com muitos sacrifícios, pela antiga Faculdade de Filosofia do Crato, esta que vinha a ser mais adiante a Universidade Regional do Cariri – URCA.

Lembro-me com a força de minhas memórias afetivas da infância o quanto minha mãe trabalhava em sala de aula e fora dela, buscando ser uma boa professora para seus alunos. Quantas vezes acompanhei suas aulas. Lembro-me ainda das disciplinas que lecionava; história, geografia, e as já não existentes, EMC (Educação Moral e Cívica) e OSPB (Orientação Social e Política Brasileira). O sentimento que aflorava em mim ao ver minha mãe em ação docente era traduzido pela frase que sempre trazia comigo: “Quando crescer quero ser igual a minha mãe, quero ser professora!”

Dei então início à concretude da frase que fazia parte de mim na infância, ao ingressar na Universidade Regional do Cariri – URCA, mais especificamente no curso de Pedagogia. No qual fui me encontrando em meio aos professores do curso, as atividades propostas e os autores trabalhados pelos mesmos. E dentre estes o que mais me chamou a atenção por sua entrega de vida à educação foi Paulo Freire. Através de seus escritos mais uma vez aflorou em mim aquela frase que carregava quando criança, só que agora transformada pelo tempo e pelas leituras não só das palavras, mas “a leitura de mundo”, a mesma vinha à minha mente agora da seguinte forma: “É isso que realmente eu quero, quero ser professora!”

E foi assim que mesmo antes de terminar o curso de Pedagogia na URCA, já me vi em meio aos estágios em sala de aula, tendo os primeiros contatos com o universo da docência. Onde cada vez mais me firmava no meu caminhar. E a sensação que sempre carregava comigo era que ainda não sabia direito ser professora, eu queria cada vez mais aprender e crescer nessa minha profissão, foi aí que comecei a buscar novos cursos, novas leituras e cada vez mais aprofundamentos, porque pensava que tudo o que já sabia era ainda muito pouco...

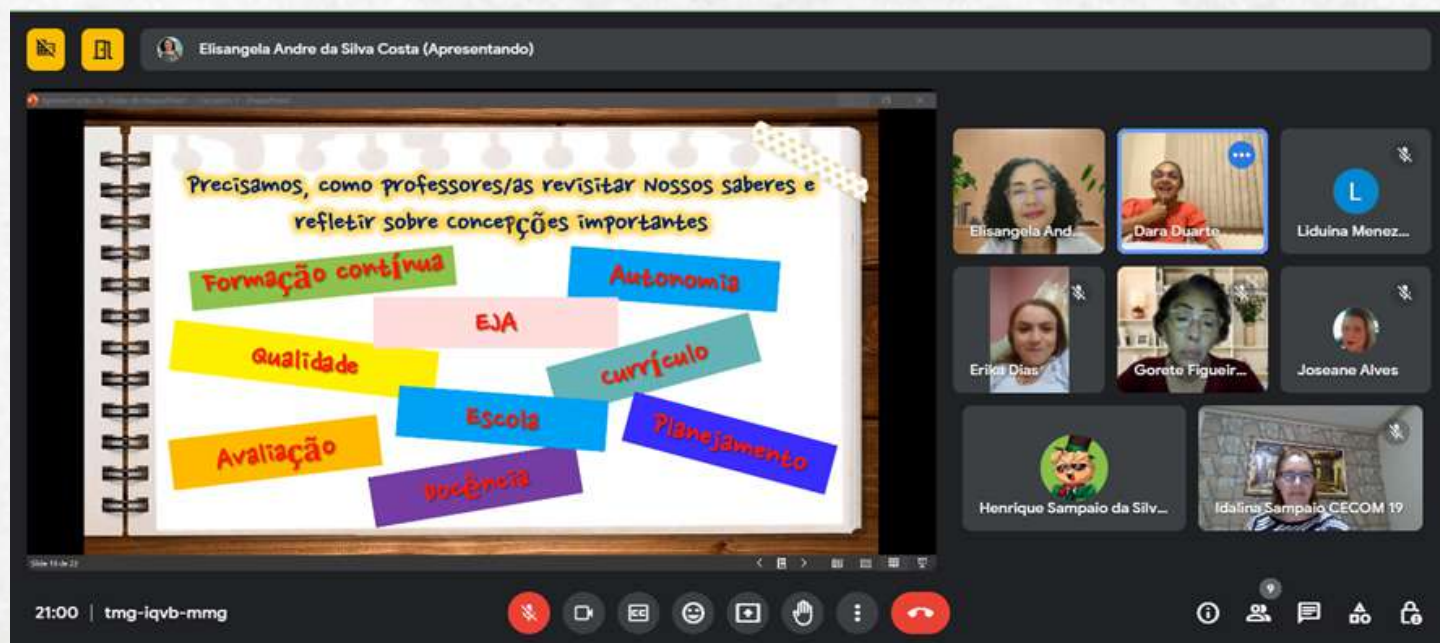
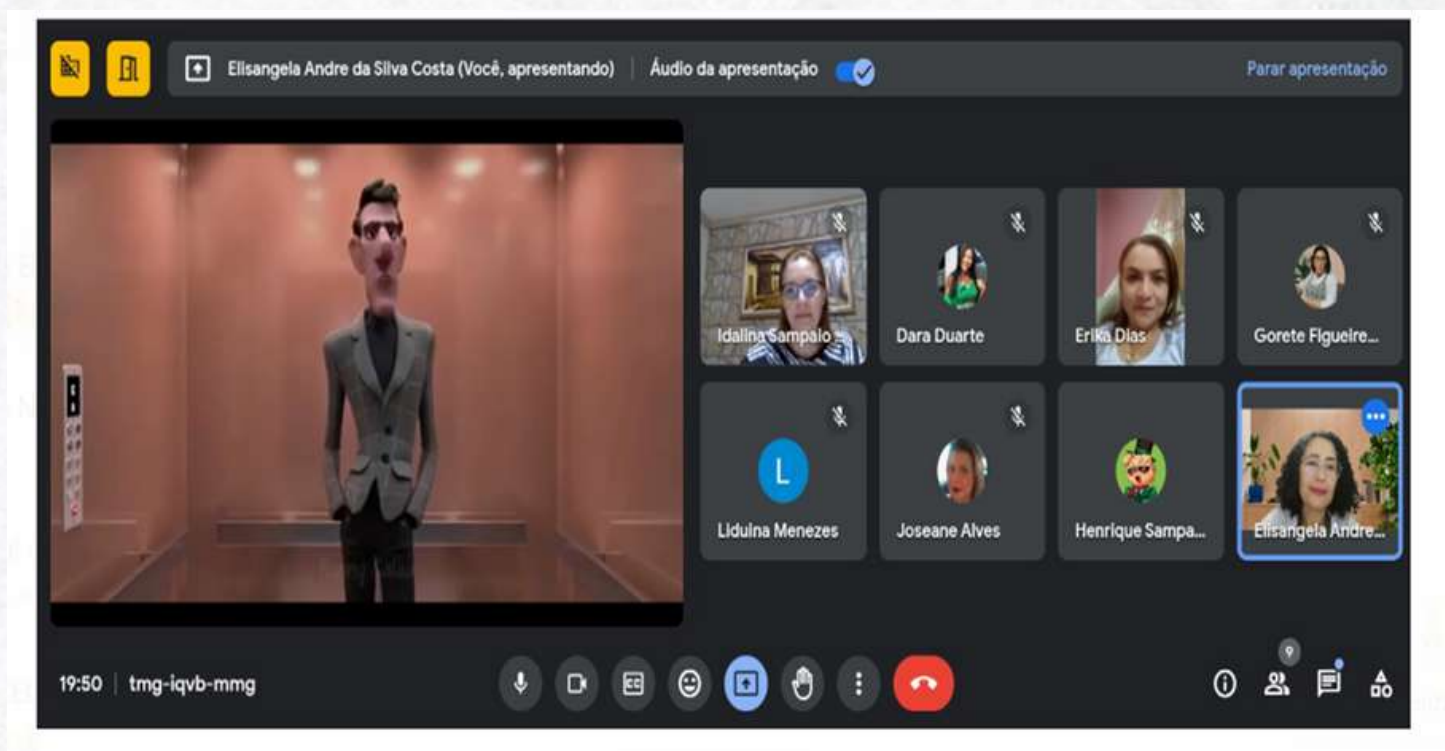
Iniciei minha experiência profissional com a Educação Infantil onde pude me encantar diariamente com o aprendizado das crianças, concomitantemente trabalhei com turmas do Ensino Fundamental I e II. E nessas idas e vindas nas salas de aula conheci a Educação de Jovens e Adultos, no período noturno, pois trabalhava os três expedientes, como muitos e muitos professores pelo nosso Brasil. Na modalidade da EJA pude me deparar com os educandos e suas diversas histórias de vida, carregadas de sacrifícios, dificuldades, perdas, desafios, mas também, força, alegria e vivacidade e o sentimento de querer reviver, recomeçar tudo no que a vida imprimiu como impossibilitados.

Hoje me vejo como uma professora ainda em processo de construção e amadurecimento.

Um forte abraço e grandes aprendizados!

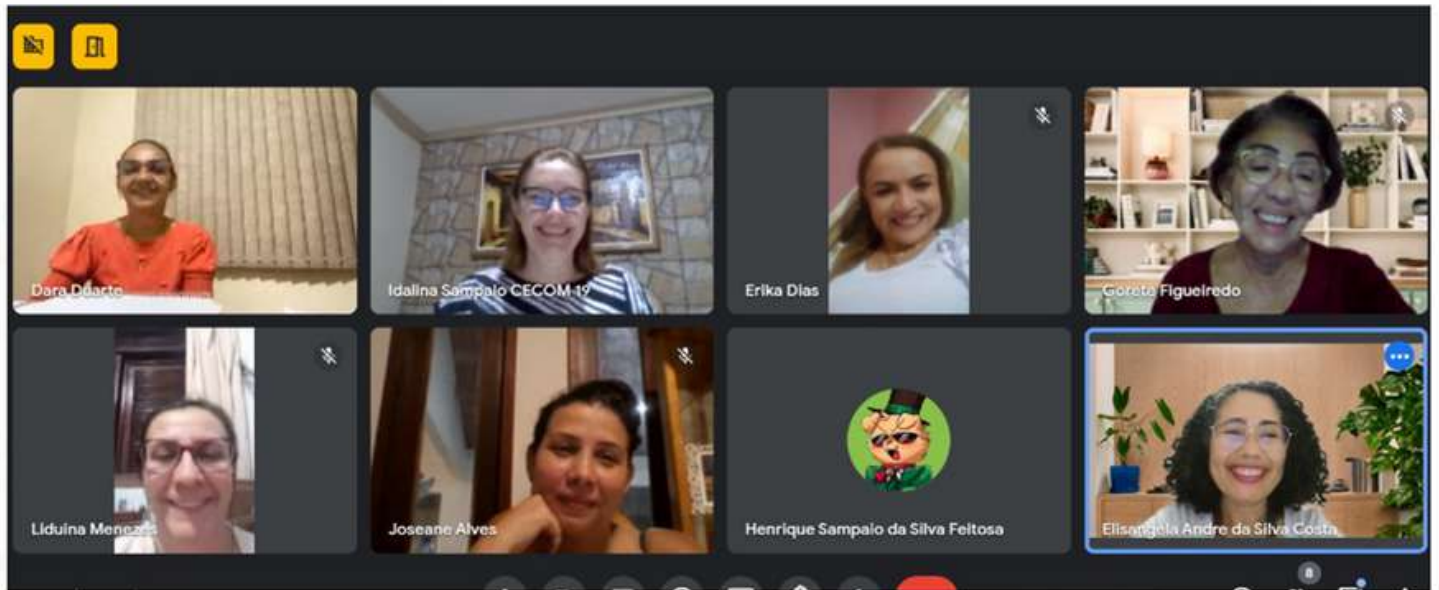
Idalina Maria

Imagens do Encontro Formativo I



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Imagens do Encontro Formativo I



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Figura 4 - Card do II Encontro Formativo

CONVITE

CURSO DE EXTENSÃO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE:
COM A FALA AS PROFESSORAS DA EJA.

2º ENCONTRO

18 | OUT
19H



**Abordagem da dimensão
histórica e política da
EJA.**


**Profa. Ma. Jeane
Pereira Dantas**


**Prof. Me. Bruno
Miranda Freitas**


UNILAB
Universidade da
Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira


**PREFEITURA DE
BARBALHA**
Governar com
as pessoas para
Barbalha avançar.


**INSTITUTO
FEDERAL**
Ceará

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

ENCONTRO FORMATIVO II

No II Encontro Formativo foi abordado a dimensão histórica e política da EJA, temáticas que não devem ser deixadas de lado, pela extrema importância que carregam consigo, pois para defendermos a Educação de Jovens e Adultos, precisamos conhecer mais à fundo como esta surgiu em nosso país, quais as lutas e batalhas travadas, quais as conquistas, quais os desafios, as omissões para com a mesma, assim como, qual a importância da EJA como formação e construção política dos indivíduos, no desvendar do universo social, atuando com a formação de sujeitos conscientes e ativos na sociedade, que vão, a partir daí, se inteirando dos processos que acontecem nela e o que estes acarretam na vida dos cidadãos.

O Encontro Formativo II seguiu as ações apresentadas no quadro abaixo:

Temática do Encontro
Abordagem da dimensão histórica e política da EJA

Acolhida:
Vídeo em homenagem às professoras
(elaborado pelo formador Bruno Miranda Freitas)

Memória do encontro anterior
Resgate da memória do encontro anterior, os pontos que foram abordados no 1º encontro

Pergunta orientadora do 2º encontro formativo
O que eu penso sobre as dimensões políticas e históricas da EJA e como isso afeta o trabalho que desenvolvo como meus alunos?

Apresentação e discussão sobre os pontos trazidos nos slides
Encaminhamentos

Roda de conversa diálogo reflexivo sobre a temática

Avaliação do encontro

Proposta de produção reflexiva
Elaboração de artigos para a criação de um estatuto para a EJA, baseado no texto de Thiago de Mello – Estatuto do homem

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

Os formadores trouxeram como proposta de atividade prática, a elaboração de um estatuto voltado à Educação de Jovens e Adultos da Escola Senador Martiniano de Alencar, construído pelas próprias professoras, a partir de suas vivências e visualizações sensíveis a respeito das turmas de EJA com as quais atuam, puxando da memória as histórias de vida de seus educandos, baseado no texto do autor Thiago de Mello, intitulado Estatuto do homem.

O mesmo foi construído de forma coletiva como a tecitura de um rico tecido, com suas tramas e entrelaces de fios, formando ao final um conjunto de ideias que visa o todo e não pequenas partes:

Proposta de Produção do Encontro Formativos II

**Elaboração de Estatuto voltado à
Educação de Jovens e Adultos da
Escola Senador Martiniano de
Alencar**

Artigo 1º- Os brasileiros que não concluíram o Ensino Fundamental na idade certa, serão remanejados para a modalidade EJA de seu município.

Artigo 2º- É dever de todo município ofertar a modalidade EJA e tratar com igualdade de direitos todos os docentes, assim como os discentes matriculados nessa modalidade.

Artigo 3º- Toda escola que ofertar Educação de Jovens e Adultos receberá a atenção especial e um trabalho de mobilização de matrículas bem articulado para atender todos os moradores do entorno.

Artigo 4º- Não serão toleradas nenhuma forma de exclusão ou discriminação com professores e alunos da modalidade EJA, estando tais ações sujeitas a penalidade previstas por lei.

Artigo 5º- Deverá ser ofertada Formação continuada anual para todos os profissionais da EJA, incluindo porteiros, secretários, merendeiras, coordenadores e diretores.

Artigo 6º- Toda escola que ofertar a modalidade EJA, deverá contar com serviço de psicologia e assistente social.

Artigo 7º- Nenhum espaço da escola será proibido para alunos e professores da modalidade EJA, pois esses são gente como a gente!

Artigo 8º- Fica decretado que a modalidade EJA será plenamente assistida em todos os aspectos que rege a LDB, igualmente ao Ensino Fundamental I e II pela entidade municipal ao qual aconteça.

Artigo 9º- Fica decretado que homens e mulheres terão ideais, e em prol dessas ideais, buscarão alcançar, com determinação e justiça, a realização das mesmas.

Artigo 10º- Fica proibido dizer que não se consegue aprender porque está muito velho e que o tempo passou. A partir de agora a esperança renasce, e naquele olhar cansado há um brilho diferente. As mãos cansadas e trêmulas desenham as primeiras letras, enchendo de alegria e esperança o coração de cada aluno da EJA, que aprende e ensina com as suas vivências.

Artigo 11º- Fica decretado que a partir de hoje todas as pessoas que acreditam na educação, juntar-se-ão aos professores da EJA na luta pela qualidade e fortalecimento da modalidade de educação de jovens e adultos.

Artigo 12º - Fica decretado que a modalidade EJA deve ser ofertada obrigatoriamente pelos municípios. A modalidade deve ser ofertada até que todos os munícipes tenham concluído os seus estudos. Não tendo número mínimo de alunos para que se tenham abertura de sala de aula.

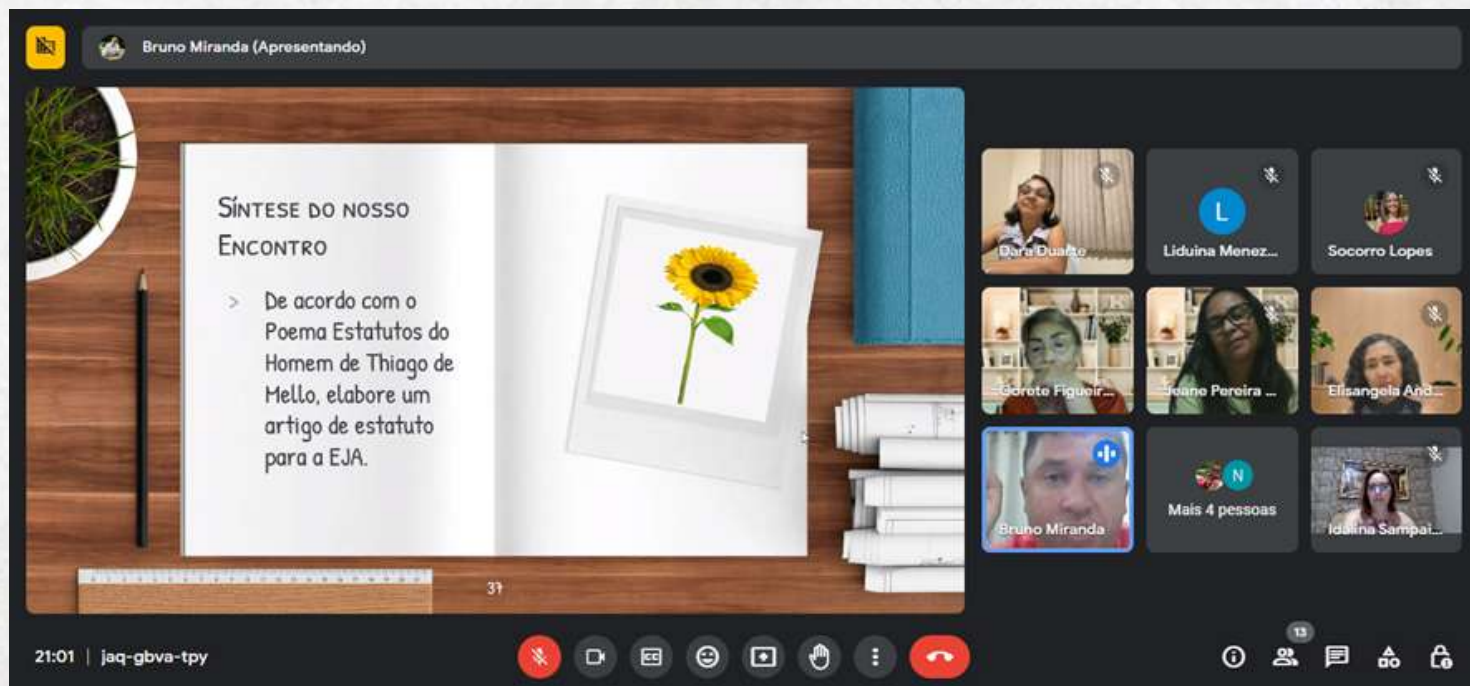
(CONSTRUÇÃO COLETIVA)

Imagens do Encontro Formativo II



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Imagens do Encontro Formativo II



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Figura 5 - Card do III Encontro Formativo

CONVITE

CURSO DE EXTENSÃO
FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE:
COM A FALA AS PROFESSORAS DA EJA.

3º ENCONTRO
25 OUT 19H 

Quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos?


Ms. Maria do Socorro Lopes da Silva

 **UNILAB**
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

 **PREFEITURA DE BARBALHA**
Governar com as pessoas para Barbalha avançar.

 **INSTITUTO FEDERAL**
Ceará

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

ENCONTRO FORMATIVO III

No III Encontro Formativo foi abordada a temática: Quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos?

Este mesmo encontro procurou trabalhar com os sujeitos participantes da presente pesquisa a discussão sobre com quem atuamos nas salas de EJA, quem são os nossos estudantes que frequentam as turmas de Educação de Jovens e Adultos, quais suas vivências, experiências, perspectivas de vida, esperanças e sonhos.

O Encontro Formativo III seguiu as ações apresentadas no quadro abaixo:

Temática do Encontro
Quem são os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos?

Memória do encontro anterior
Resgate da memória do encontro anterior, os pontos que foram abordados no 2º encontro

Apresentação de vídeo:
Vídeo: Trecho do filme escritores da liberdade desenvolvo como meus alunos?

Apresentação e discussão sobre os pontos trazidos nos slides

Roda de conversa diálogo reflexivo sobre a temática

Apresentação de um segundo vídeo: depoimentos
Vídeo: Depoimentos (Trecho da série da Globo – Segunda Chamada)

Leitura de um segundo poema para encerramento do encontro
Poema: Tecendo a manhã de João Cabral de Melo Neto

Encaminhamentos

Avaliação do encontro

Proposta de produção reflexiva
Responder a perguntas reflexivas sobre a temática abordada e todo o diálogo desenvolvido no encontro

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

Como proposta de atividade referente a este III Encontro Formativo para as professoras, a formadora trouxe perguntas reflexivas sobre a temática abordada e todo o diálogo desenvolvido no encontro, solicitando das docentes a resolução das mesmas:

- O que vemos, quando olhamos para os alunos da EJA?
- O que eles veem quando olham para a escola?
- Como nos vemos como educadores da EJA?
- Como vemos a nossa escola?
- Como essas visões afetam as nossas práticas educativas?

Proposta de Produção do Encontro Formativo III

Responder a perguntas reflexivas sobre a temática abordada e todo o diálogo desenvolvido no encontro

1- O que vemos, quando olhamos para os alunos da EJA?

Me vejo um pouco neles. Primeiro, pela interrupção. Segundo, pelo sim dado para toda oportunidade de aprender mais. Acima de tudo, meus companheiros do Brasil que querem melhorar de alguma forma o viver. (Professora BELEZA)

Vemos a possibilidade de refazer uma trajetória de vida, através de práticas educativas emancipatórias. (Professora ESPERANÇA)

Eu vejo como uma oportunidade de resgatar sonhos a partir da educação que possibilita torná-los reais. (Professora LUTA)

Eu os vejo como pessoas cheias de esperança pra recuperar o tempo perdido por vários motivos e que entendem que não podem ficar pra trás, e muitos só entendem o que é aprender quando estão em sala vivenciando aquele momento de aprendizagem. (Professora PERSEVERANÇA)

Além da possibilidade de acesso à cultura letrada, seja do início ou para seguimento da sua escolarização, vejo também a esperança de melhorias de vida. (Professora GARRA)

Acolhemos os nossos alunos na EJA reconhecendo como pessoas que buscam uma melhoria educacional, seja para crescimento profissional, por crescimento pessoal. Enxergamos os nossos alunos como vencedores. (Professora FORÇA)

2- O que eles veem quando olham para a escola?

Um pouco dos filhos, dos netos, dos colegas que já concluíram, enxergam uma oportunidade. (Professora BELEZA)

O reinício de sua escolaridade, a superação de preconceitos, a busca pela realização de sonhos. (Professora ESPERANÇA)

A realização de sonhos a tantos anos esquecidos e que agora é possível resgatá-los, superando as dificuldades do dia - a - dia. (Professora LUTA)

Acredito que eles veem como um porto seguro onde eles vão aprender a ler, escrever e fazer amigos. (Professora PERSEVERANÇA)

O aluno vê a escola como o espaço físico da aprendizagem, onde ele buscará o saber para a concretização do seu objetivo, do seu sonho. A escola será o palco da transformação de sua história. Lá esperanças são renovadas. (Professora GARRA)

Lugar de acolhimento, que os tornam melhores a cada dia nos estudos e como pessoas, lugar de interação de convívio com outras pessoas. (Professora FORÇA)

3- Como nos vemos como educadores da EJA?

Como insistentes. Me vejo como uma pessoa teimosa. Enquanto o sistema diz que está difícil manter a EJA, nos vemos como pessoas que mostram a necessidade da EJA para uma sociedade melhor. (Professora BELEZA)

Profissionais com resistência aos diversos desafios que estão postos à modalidade EJA. (Professora ESPERANÇA)

Eu vejo professores que insistem e resistem em superar as dificuldades que se apresentam nessa modalidade tão especial que é a EJA. Trabalhar com alunos da EJA é um ato de Amor. (Professora LUTA)

Eu particularmente me vejo como um ser praticamente participante da aprendizagem, com compromisso, responsabilidade e amor ao que faz, pois a aprendizagem do meu aluno é o meu principal motivo e objetivo de estar em sala de aula. (Professora PERSEVERANÇA)

Somos coadjuvantes nessa aprendizagem. É gratificante saber que podemos contribuir e participar na orientação para a construção do conhecimento de pessoas, que se consideram menores por não ter conseguido ainda sua escolarização. (Professora GARRA)

4- Como vemos a nossa escola?

Como um lugar sagrado. Existe todo um ritual de chegada, de permanência e de saída. É um lugar que quem não tem fé não fica. (Professora BELEZA)

Nossa escola, ainda carente de práticas educativas que permitam favorecer a evolução do aluno não escolarizado. (Professora ESPERANÇA)

Temos tantas carências, tantos obstáculos desde a matrícula, à permanência do aluno na escola para que ele não desista e avance no processo de aprendizagem. (Professora LUTA)

Vejo como um objetivo a ser alcançado em todos os aspectos, da aprendizagem ao lado humano, acolhedor, participativo. Um lugar onde o aluno sinta vontade de estar presente, acolhido e seguro. (Professora PERSEVERANÇA)

Ativa e transformadora e oportuniza a aprendizagem. (Professora GARRA)

Lugar acolhedor, de conquista de liberdade educacional. (Professora FORÇA)

5- Como essas visões afetam as nossas práticas educativas?

Sem essas visões nós já teríamos saído. Não estaríamos na EJA. Essas visões nos fazem planejar algo que faça o aluno pensar: amanhã preciso voltar. (Professora BELEZA)

São visões que despertam a consciência ética, democrática, em prol de uma escola libertadora. (Professora ESPERANÇA)

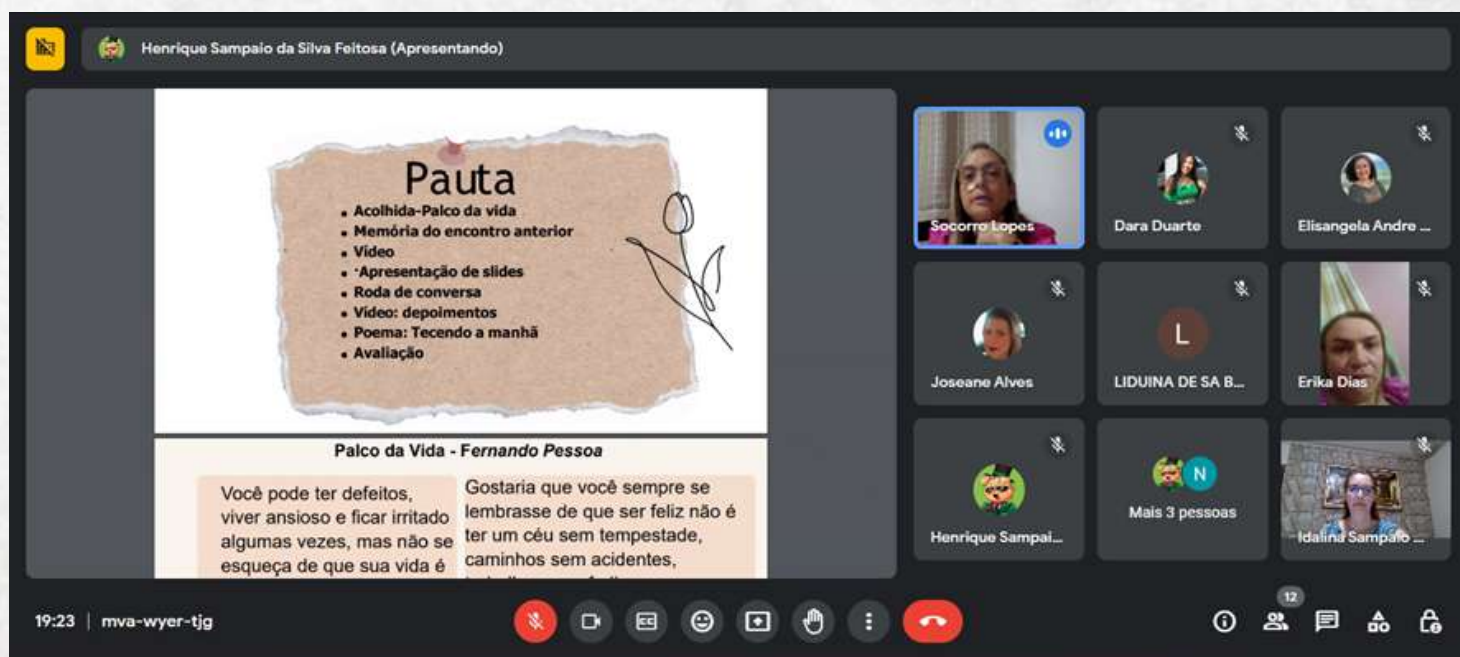
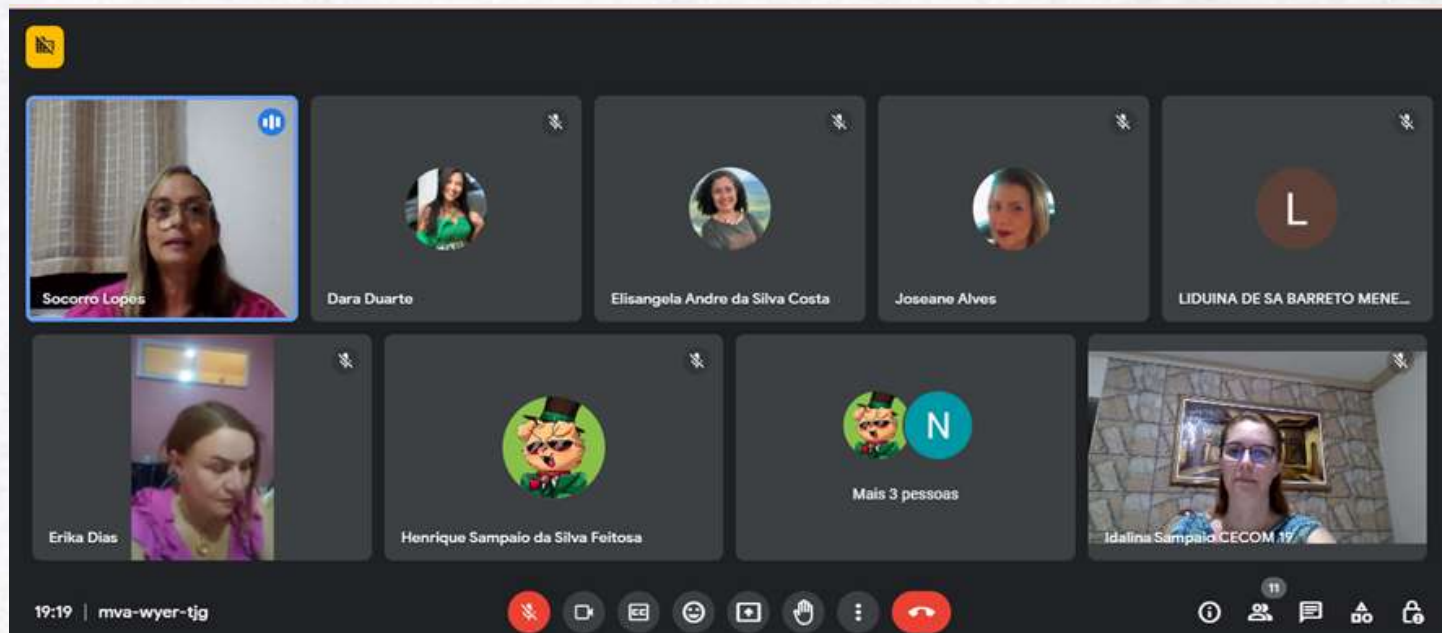
Afeta as nossas expectativas e desejos de uma educação libertadora, democrática e acessível a todos. (Professora LUTA)

Essas práticas só são afetadas se não tivermos um bom desempenho em sala, compromisso, responsabilidade e amor ao que faz. Antigamente até embaixo de uma árvore se dava aula e o aluno aprendia, se soubermos usar a metodologia correta na hora certa conseguiremos o nosso objetivo. (Professora PERSEVERANÇA)

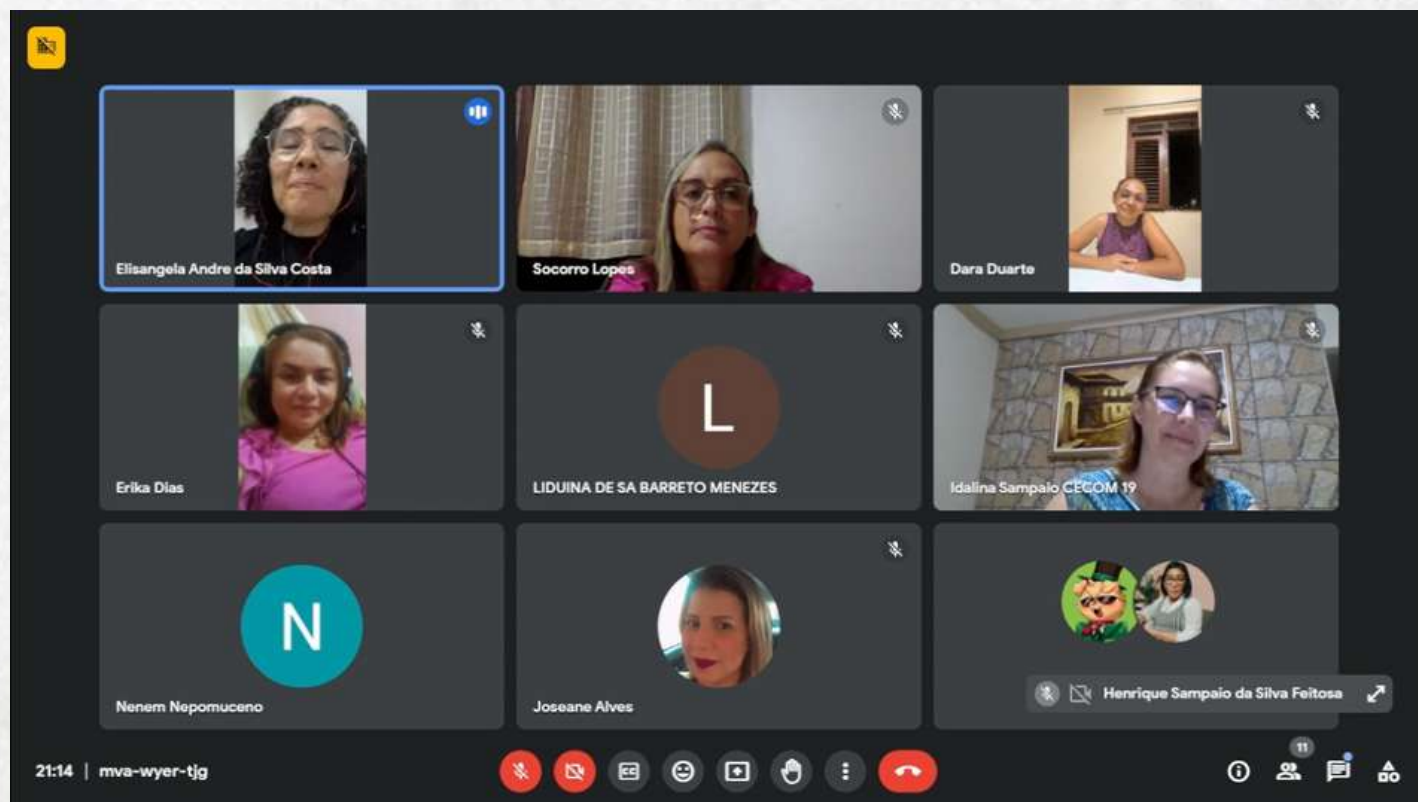
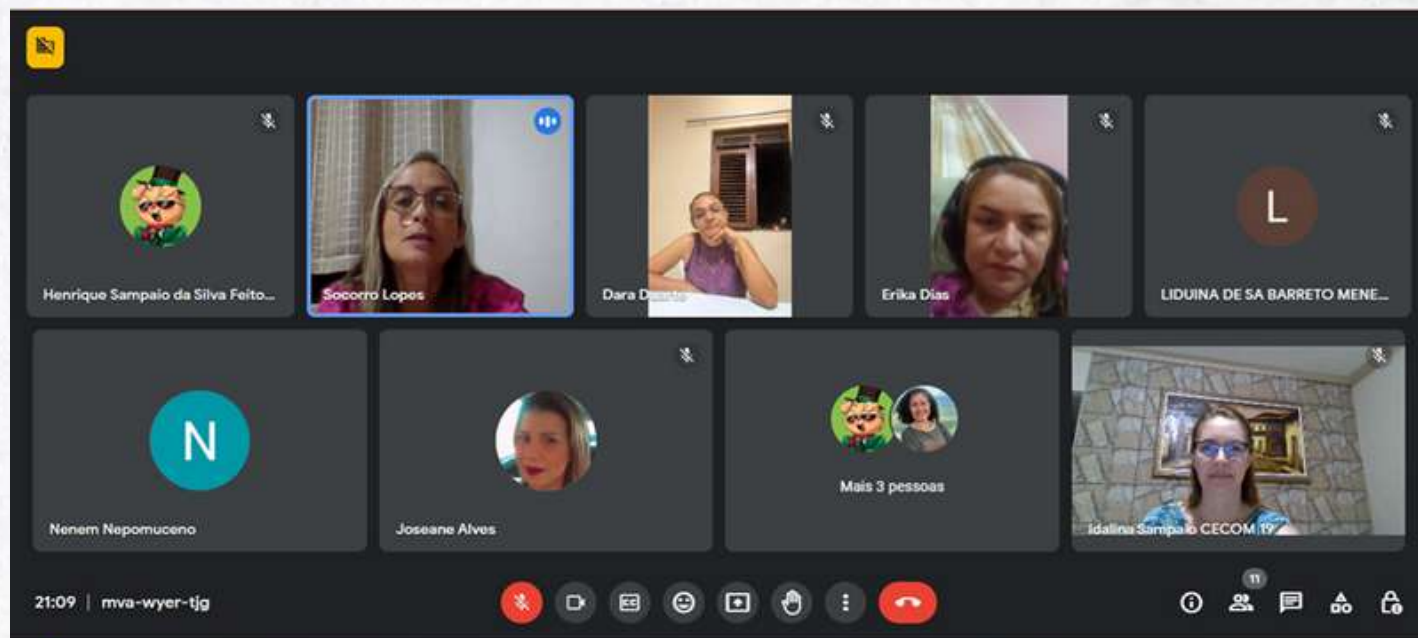
No meu ponto de vista, devemos proporcionar a abertura de portas, até então vista pelo sujeito aluno, como muito difícil de adentrar, como a aprendizagem culta do ler e escrever, reafirmar que são capazes, são importantes e têm vozes, que mesmo no papel de aluno pode também transmitir conhecimentos, conhecimentos esses adquiridos na vida, que na escola pode e deve haver trocas de aprendizagens entre todos que a compõem. (Professora GARRA)

Trazemos sempre o melhor para os nossos alunos, mesmo com tantas dificuldades que enfrentamos junto a eles e além dos desafios diários de ter cada um presente o maior número de dias possíveis e que eles aprendam de forma prazerosa os conteúdos didáticos. (Professora FORÇA)

Imagens do Encontro Formativo III



Imagens do Encontro Formativo III



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Figura 6 - Card do IV Encontro Formativo

CONVITE

CURSO DE EXTENSÃO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE:

COM A FALA AS PROFESSORAS DA EJA.

4º ENCONTRO

01 | NOV

19H

Google Meet

A ação docente e a sementeira para a educação como prática de liberdade.

Prof. Dra. Maria Kellynia Farias Alves

UNILAB
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

PREFEITURA DE BARBALHA
Governar com as pessoas para Barbalha avançar.

INSTITUTO FEDERAL
Ceará

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

ENCONTRO FORMATIVO IV

Para o IV Encontro Formativo da presente pesquisa, cujo tema: A ação docente e a semente para a educação como prática de liberdade, que teve como objetivo: discutirmos sobre a educação como ação que promove a libertação e emancipação dos sujeitos, contamos com a parceria e colaboração da Professora: Kellynia Farias Alves (UECE), que trouxe toda a sua ampla vivência e experiência, com saberes construídos sobre a Educação de Jovens e Adultos. Trazendo sobre tal, importantes discussões abrangentes, que lançaram uma nova perspectiva para a problematização de questões que vão se construindo como elementos que permitem uma discussão, na direção de uma relação com os diferentes desafios que estão presentes na vida dos jovens e adultos pouco ou não escolarizados e seus docentes, dialogando também com as questões étnico raciais que não podem deixar de ser lembradas nesta ciranda de saberes.

O Encontro Formativo IV seguiu as ações apresentadas no quadro abaixo:

Temática do Encontro

A ação docente e a semente para a educação como prática de liberdade

Acolhida:

Partilha no grupo sobre as histórias dos nomes de cada sujeito da pesquisa

Apresentação da temática

Apresentação e diálogo sobre a temática do encontro dando ênfase à educação como prática de liberdade

Construção de saberes - apresentação e discussão sobre pontos trazidos no material trabalhado no encontro

Perspectivas de salas de aula que estamos construindo - princípios que orientam nossa ação docente - formação humana e libertadora

Abertura para momentos de fala dos sujeitos da pesquisa a partir de perguntas disparadoras

Roda de conversa diálogo reflexivo sobre a temática

Respondendo perguntas reflexivas sobre a temática abordada e todo o diálogo desenvolvido no encontro

Apresentação da música: Prelúdio de Raul Seixas

Resumo do encontro com palavras chave

Avaliação do encontro

Proposta de produção reflexiva

Construção da árvore dos saberes docentes como proposta de produção reflexiva

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

A formadora conduziu como Atividade Reflexiva, um momento baseado no método de Paulo Freire, das palavras geradoras. A proposta trazida ao encontro formativo foi trabalhar com “objetos geradores”.

A mesma solicitou que cada professora buscasse em seu espaço, um objeto que demonstrasse e representasse o que é educação, sala de aula, prática docente, assim como, o mesmo deveria responder e se encaixar às perguntas apresentadas anteriormente.

Que educação e prática docente vocês pensam?

Que escola é essa que vocês estão trazendo para cá?

Que escola queremos construir?

Como está ocorrendo o processo de ação docente de vocês?

A ação docente de vocês visa a semeadura de uma educação como prática de liberdade junto aos sujeitos da EJA?

Logo após serão apresentadas as falas das professoras respondendo às perguntas instigadoras lançadas pela formadora, como participação na atividade proposta, bem como as intervenções feitas pela professora Kellynia, com o intuito de ampliar o momento reflexivo.

Atividade Reflexiva realizada com o grupo de professoras durante o Encontro Formativo

**Trabalhar com “objetos geradores”
na construção de reflexões e
respostas às indagações realizadas
pela formadora**

Esse é um objeto muito popular em nossas salas de aula e representativo da nossa atuação. Com ele eu consigo colocar as primeiras letras no quadro para muita gente que não sabe ler, que não teve ainda o acesso à leitura, mas que estão aprendendo. (Professora BELEZA) (O objeto escolhido pela Professora BELEZA foi um pincel de lousa)

A formadora questionou a professora BELEZA com uma outra pergunta: E qual a importância de você apresentar as primeiras letras para eles?

É mostrar ao aluno as possibilidades que o mundo tem, o que ele pode enxergar através da leitura, como ele pode ir além, como ele pode aprender. Para o aluno é encantador ver a representação do que ele fala sendo expresso através da escrita. Para ele isso é algo surpreendente, é algo muito difícil no começo, mas vão vendo que é possível. E isso não tem preço. É um divisor de águas na vida de uma pessoa. Quantas vezes eles foram enganados por não saber ler, quantas vezes eles se sentiram à margem da sociedade porque não tiveram essa oportunidade antes. (Professora BELEZA)

A próxima a trazer sua fala foi a Professora PERSEVERANÇA.

A primeira coisa que peguei foi minha bolsinha que levo todos os dias para a sala de aula. Nela tem quase tudo que preciso na hora de fazer uma atividade com os alunos. Tem muitos materiais. Com ela é como se eu estivesse preparada para qualquer necessidade que possa aparecer. (Professora PERSEVERANÇA)

Já a Professora GARRA, nos trouxe a seguinte fala:

Eu escolhi uma caixa de lápis de cor, representando toda a diversidade dos saberes que encontramos na sala de aula. A diversidade de pessoas, sabendo que cada um tem a sua importância no mundo. Representa então pluralidade de saberes e pessoas na sala de aula. (Professora GARRA)

A Professora ESPERANÇA, ao apresentar seu “objeto gerador” usou as seguintes palavras:

Eu escolhi esse objeto – uma vela. Enquanto profissionais nós temos que ser luz, em meio às sombras que muitas vezes nossos alunos vivenciam. Nós enquanto professores precisamos ser luz na vida deles. (Professora ESPERANÇA)

Nesse momento a formadora Kellynia indagou a Professora ESPERANÇA: As sombras que os alunos vivenciam, são de que origem?

Como resposta à indagação, a Professora ESPERANÇA, falou:

Como o aluno da EJA tem marcas, pesos das suas vivências, daquilo que eles não conseguiram construir e de repente nas idades que se encontram têm que correr atrás de tudo que não conseguiram. As sobras seriam também as perdas que tiveram na vida e que agora têm que buscar conseguir. Então a nossa prática sede ser para iluminar a vida deles. (Professora ESPERANÇA)

A Professora LUTA, apresentou seu “objeto gerador” com uma fala muito potente:

Eu escolhi uma caneta. Na EJA a caneta tem um significado muito grande, quando o aluno já consegue assinar o nome dele, ainda com sua assinatura com a letra trêmula usando a caneta. Quando ele consegue chegar ao final da assinatura do nome dele, parece que ganhou um prêmio, e diz: Eu consigo assinar meu nome! Olha o meu nome professora, tá bom assim? Isso é uma vitória muito grande. Isso é uma simples caneta, mas na mão daquela pessoa, na mão dura, pesada, calejada, acostumada a pegar em instrumentos pesados, ela parece tão leve e ao mesmo tempo tão difícil de ser manuseada. Quando estamos perto deles vendo esse esforço que o aluno faz para desenhar cada letra que compõe o nome dele, a gente percebe o quanto essa simples caneta tem uma importância tão grande na vida de cada um deles. (Professora LUTA)

Depois da apresentação do seu “objeto gerador” a Professora LUTA, trouxe ainda uma outra fala, onde ela explanou agora sobre o esforço que professores da EJA fazem para estarem em sala de aula:

Nosso esforço para estarmos com as turmas de EJA inicia desde o momento da matrícula, indo de casa em casa, convidando os alunos para formarmos as turmas, depois é o esforço para que eles permaneçam frequentando as aulas, manter esses alunos nas salas, esse é um esforço constante, durante o ano todo. (Professora LUTA)

Neste momento a Professora BELEZA, concorda e complementa a fala da Professora LUTA:

Imagine convencer uma pessoa que já foi tão maltratada uma vida inteira, que ir para a escola à noite vai ser algo bom, vai ser algo positivo na vida dela. Imagine uma pessoa que há muitos e muitos anos perdeu ou não teve a chance e oportunidade de ir para a escola, aí de repente chega alguém, duas professoras na casa dela chamando para ir para a escola à noite, estudar, mostrando pontos positivos que ela vai viver lá. Quando a gente consegue levar para a escola, uma pessoa que já se sente velho e cansado, para aprender é uma conquista. (Professora BELEZA)

Após a fala das professoras LUTA e BELEZA, a formadora alinhavou os conceitos trazidos por elas com a seguinte afirmativa:

Desafios de permanência dos alunos para manter a turma, estimulá-los e ajudá-los a crer em si mesmos novamente, isso também compõe a nossa prática docente no cotidiano. Essas questões não estão previstas no currículo da Pedagogia, nem de uma outra licenciatura que fizemos, mas são exigidas no nosso dia-a-dia e é o que a realidade gera. (Professora Kelynia)

Após a realização da atividade anterior a formadora deu início à produção da atividade de produção reflexiva referente ao Encontro Formativo, solicitando às professoras que desenhasssem uma árvore, a qual seria nomeada de árvore dos saberes docentes. Ao desenharem, as professoras deveriam responder a uma questão lançada pela formadora:

Como vocês pensam a prática docente em uma sala de aula numa perspectiva de Educação Popular que promova a liberdade?

As professoras foram então convidadas a responderem essa questão através do desenho de sua árvore dos saberes docentes, onde na qual, elas escreveram nas raízes da mesma - palavras que representavam os princípios da prática docente para a liberdade, no tronco - práticas do cotidiano na sala de aula. E na copa - o que esses princípios e essas práticas provocam na sala de EJA, e se elas geram práticas para a liberdade.

As professoras desenharam e apresentaram suas árvores com as palavras que representavam o que foi solicitado.

Logo abaixo trazemos as imagens das árvores construídas pelas docentes participantes da presente pesquisa.

Proposta de Produção do Encontro Formativo IV

**Construção da árvore dos
saberes docentes como proposta
de produção reflexiva**

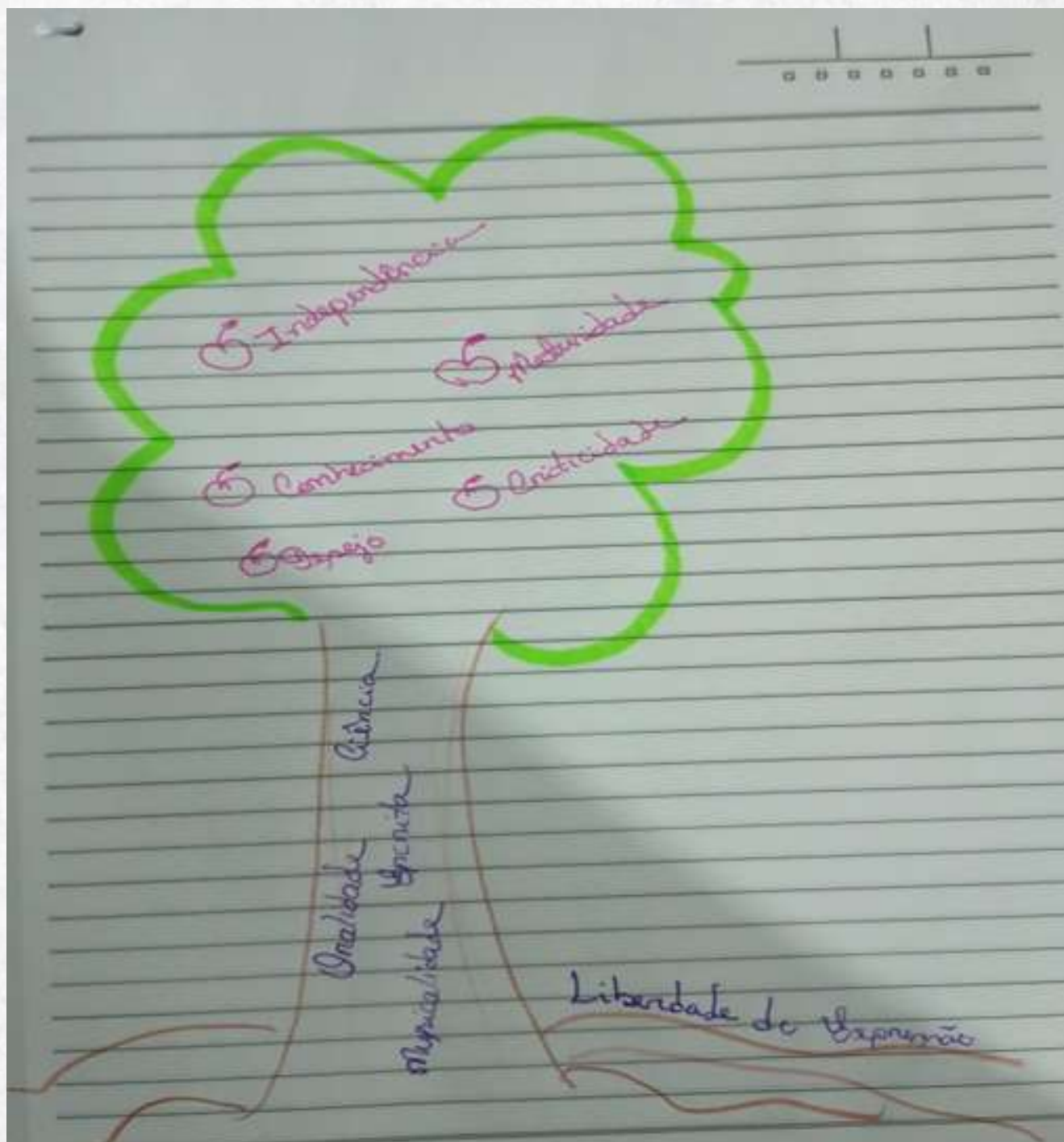


Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora BELEZA

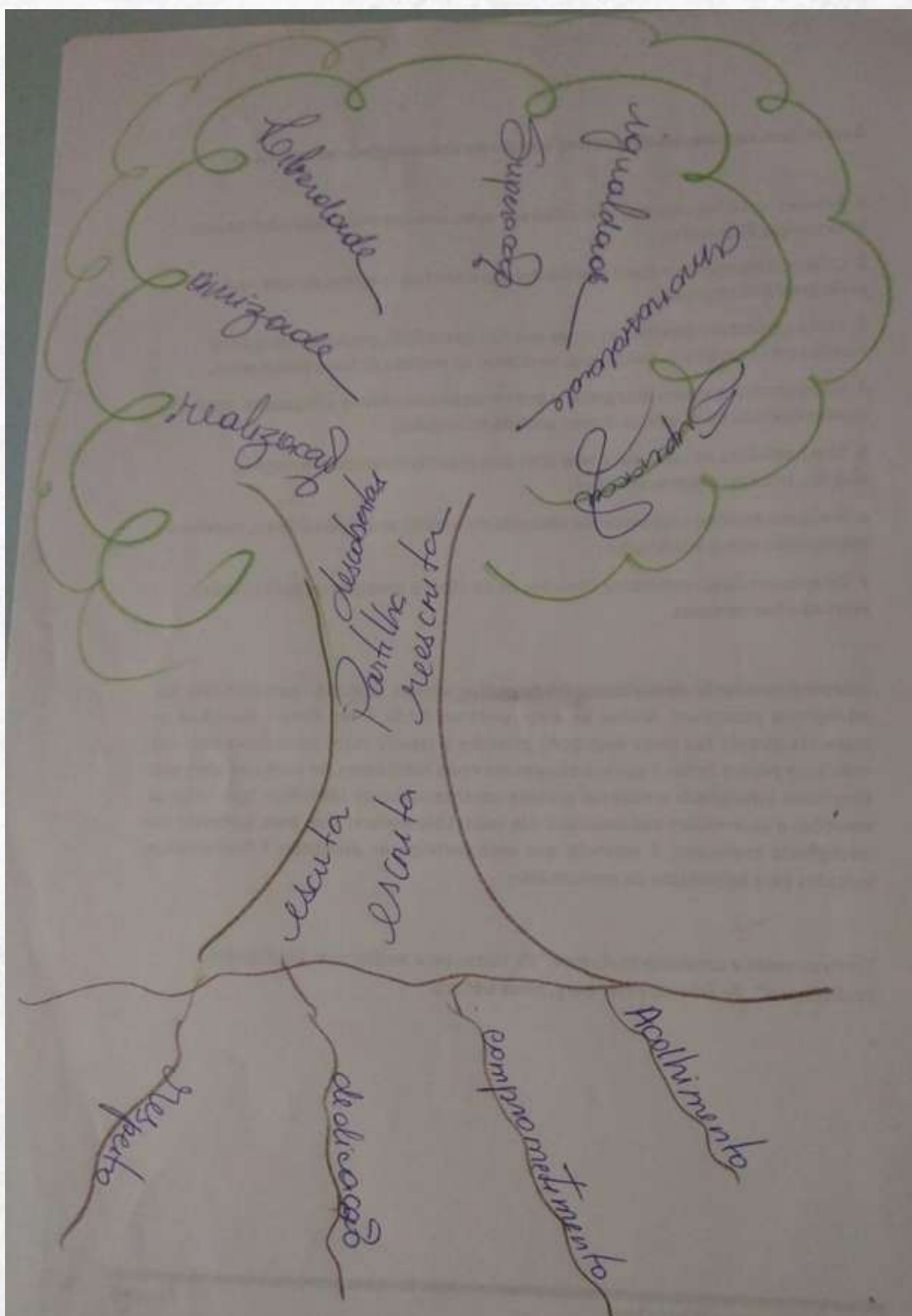


Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora LUTA



Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora PERSEVERANÇA

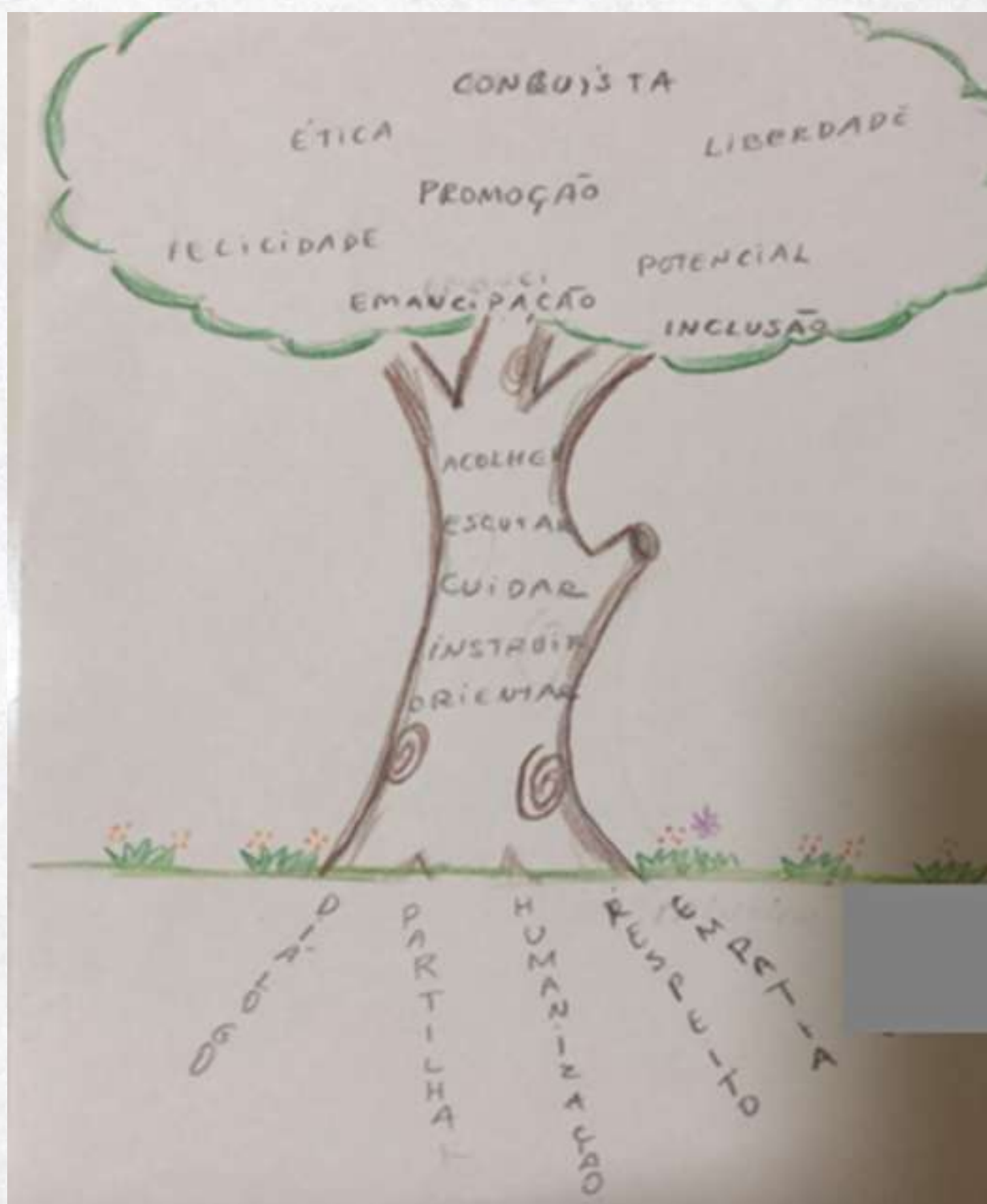


Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora ESPERANÇA

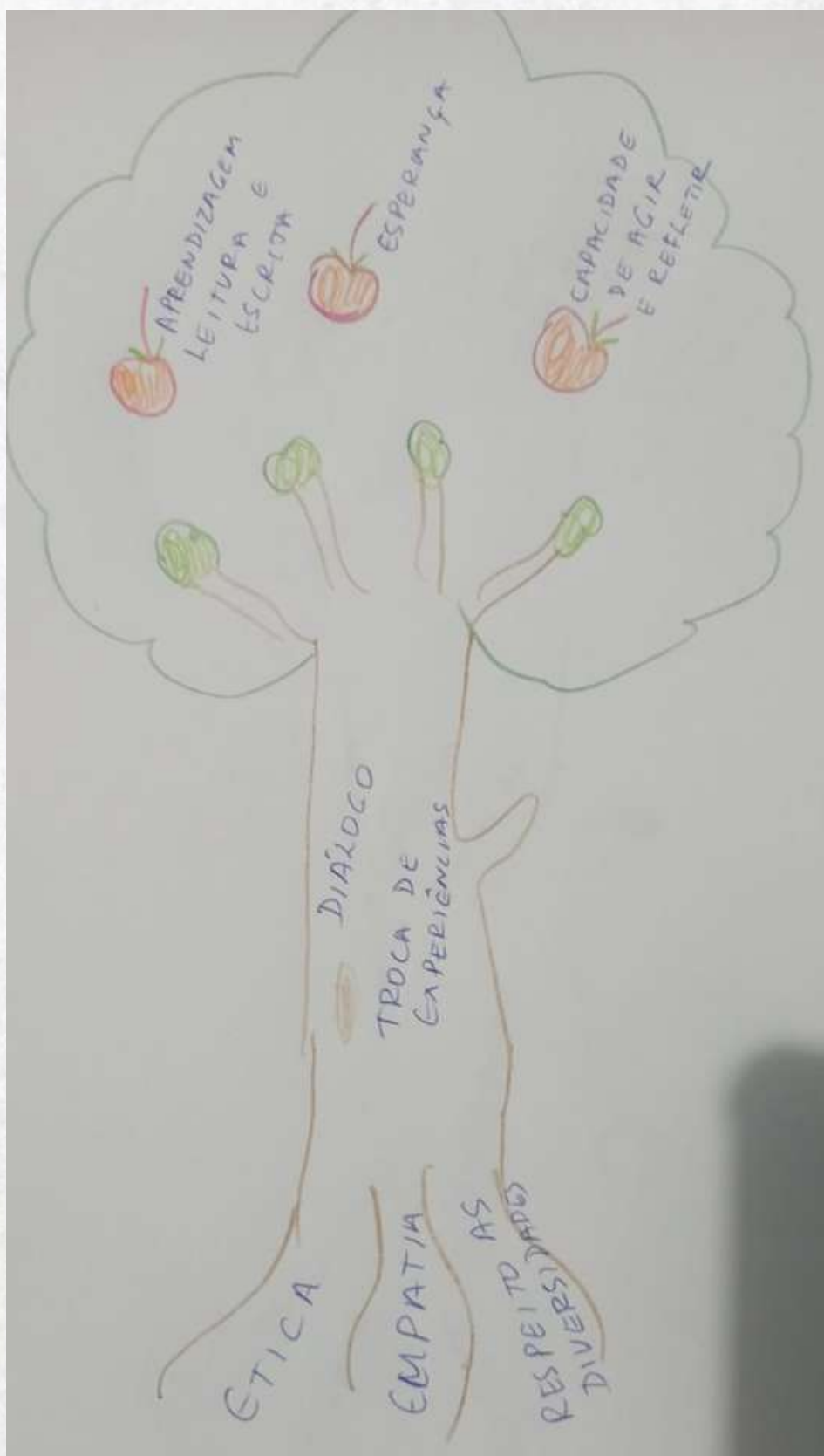
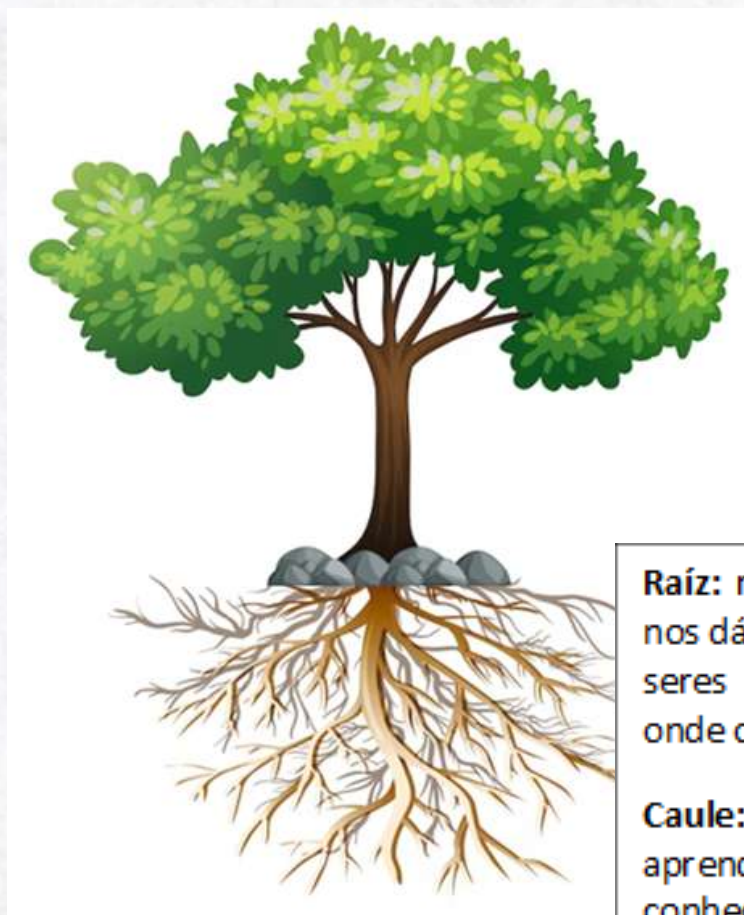


Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora GARRA



Raíz: representa a **nossa família**, aquela que nos dá o nosso alicerce para crescer enquanto seres humanos e profissionalmente. Lugar onde ocorre nosso primeiro aprendizado.

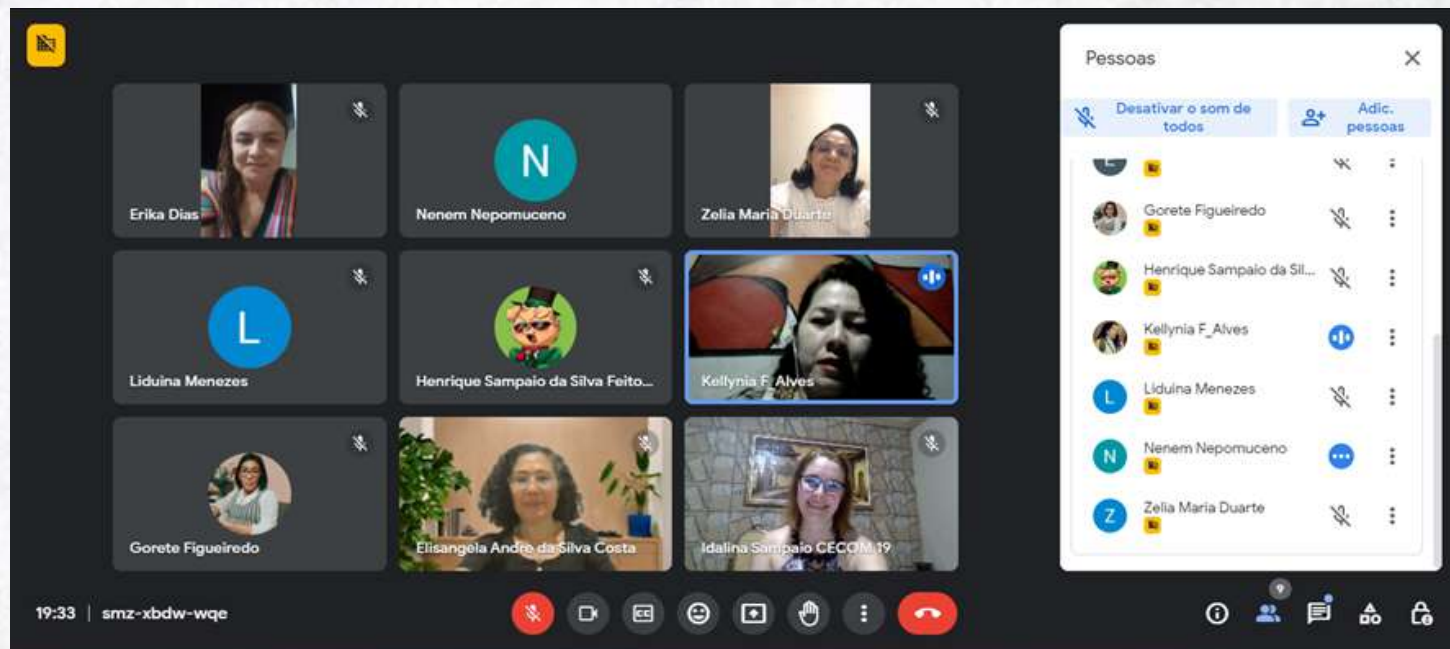
Caule: ai começa a **nossa vida estudantil** e de aprendizado para primeiro adquirir conhecimento e se encher dele para então passar a nova etapa que são as nossas flores.

Flores: são **os nosso alunos** que chegam a nossa escola em busca de conhecimento, acabam encontrando além do conhecimento, histórias de vida e de dificuldades tão quanto a de cada um que ali está, começam ali a aprender

Frutos: é o **final do ciclo dos alunos dentro da modalidade EJA**, na qual eles saem para conquista

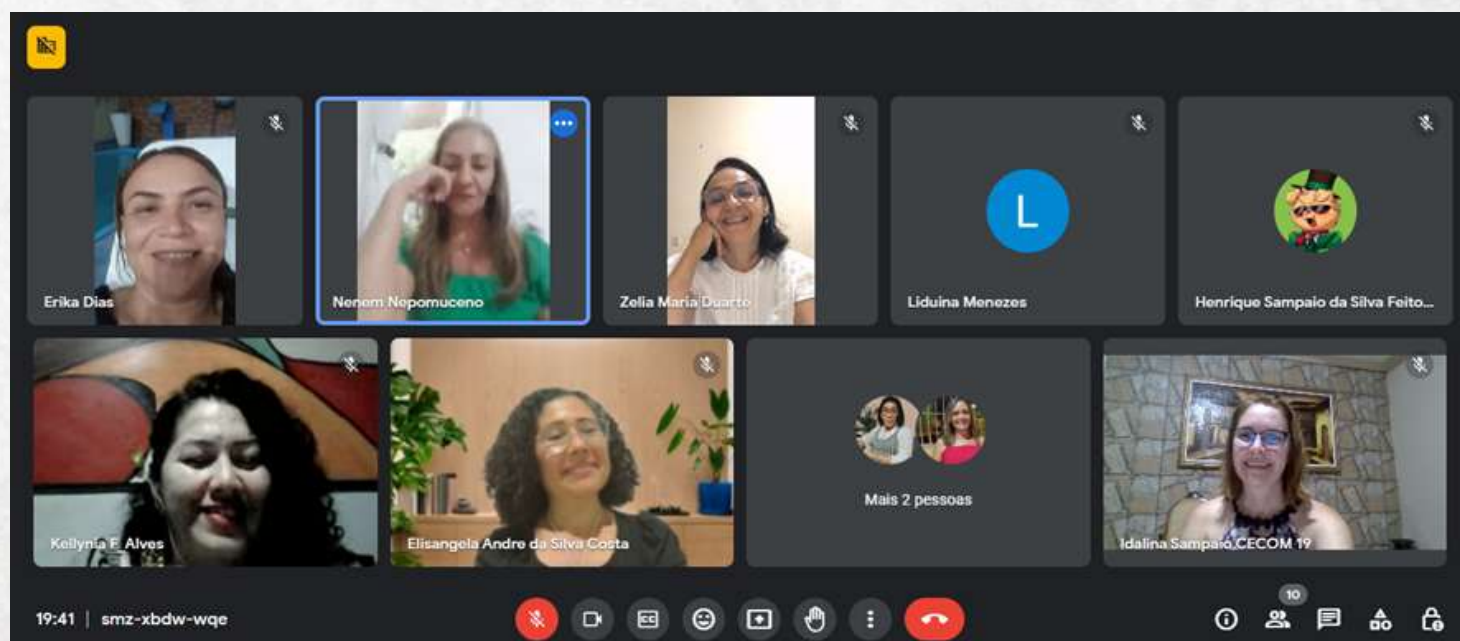
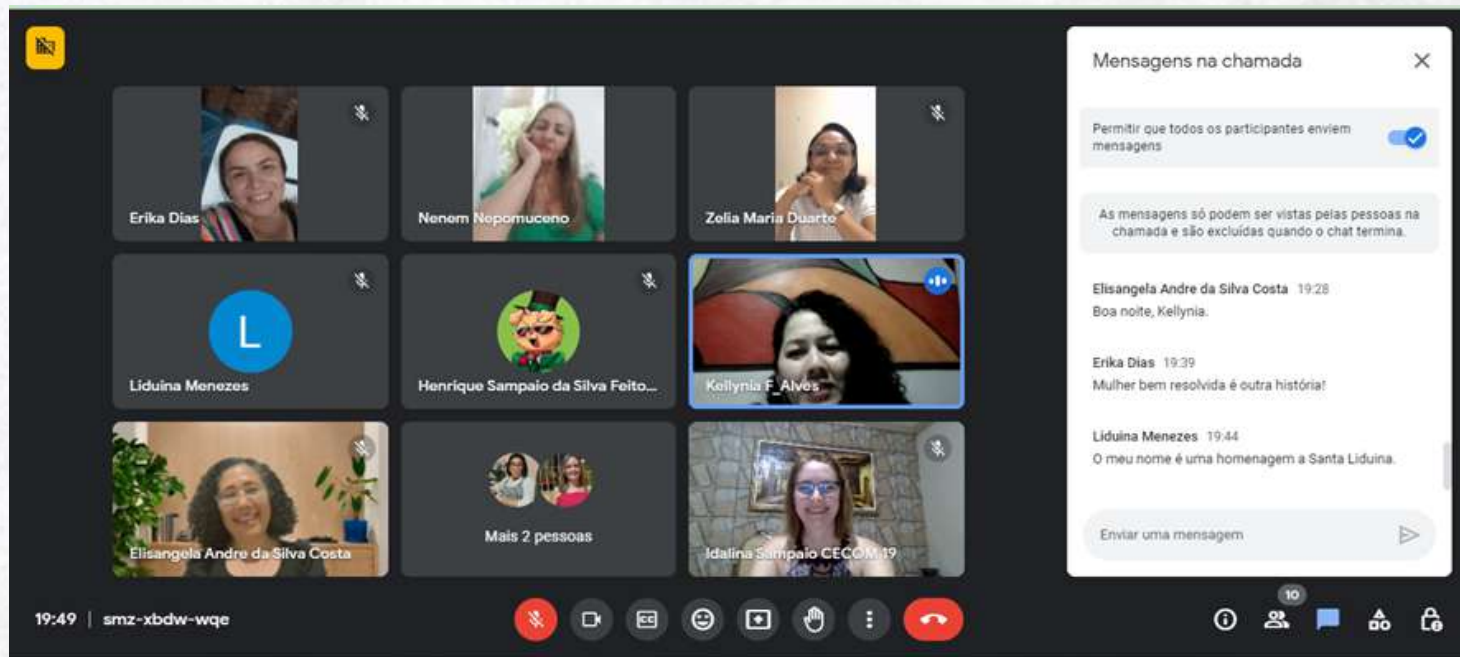
Imagem da árvore dos saberes docentes construída pela Professora FORÇA

Imagens do Encontro Formativo IV



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Imagens do Encontro Formativo IV



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Figura 7 - Card do V Encontro Formativo



Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

ENCONTRO FORMATIVO V

Para o V Encontro Formativo cuja temática foi: Desvelando as vivências e experiências: roda de conversa explorando as narrativas docentes sobre a formação de professores da EJA - anúncios e denúncias, cujo objetivo foi percorrer as narrativas sobre a formação docente das professoras de EJA da Escola Senador Martiniano de Alencar, para tal, contamos com a presença da professora Francione Charapa (UFCA), como formadora do mesmo.

O Encontro Formativo V seguiu as ações apresentadas no quadro abaixo:

Temática do Encontro Desvelando as vivências e experiências: roda de conversa explorando as narrativas docentes sobre a formação de professores da EJA - anúncios e denúncias
Acolhida: Acolhida com a música de Rita Lee – Minha Vida
Memória de reflexão sobre a letra da música com palavras-chave
Debate a partir de pergunta disparadora O que entendemos sobre formação?
Apresentação da temática
Apresentação e discussão sobre os pontos trazidos nos slides
Roda de conversa diálogo reflexivo sobre a temática
Lançamento de perguntas orientadoras e reflexivas As professoras são solicitadas a responderem às perguntas orientadoras e reflexivas
Encaminhamentos
Avaliação do encontro
Proposta de produção reflexiva Responder a perguntas reflexivas sobre a temática abordada e todo o diálogo desenvolvido no encontro

Fonte: Construído pela pesquisadora (2023)

Após a apresentação e discussão com o grupo, de todo o material trazido no encontro pela professora Francione Charapa, a mesma, para instigar ainda mais as professoras participantes da pesquisa, trouxe indagações reflexivas, pedindo a elas para resgatarem de suas memórias, aspectos positivos e/ou negativos para a construção de suas respostas.

- **Que pessoas são importantes e que devo mencionar quando eu penso na minha trajetória formativa da docência na EJA?**
- **Que lugares ou coisas me vêm à memória quando penso na minha trajetória formativa da docência na EJA?**
- **Que experiências considero constitutivas do meu processo formativo na EJA (anúncios e denúncias)?**
- **Quais as experiências na docência em EJA me trouxeram um sentido de existência?**

Proposta de Produção do Encontro Formativo V

**Resposta às indagações
realizadas pela formadora
de forma reflexiva**

1. Que pessoas são importantes e que devo mencionar quando eu penso na minha trajetória formativa da docência na EJA?

Minha mãe. Ela demorou a ingressar na educação. Hoje é professora do estado há muitos anos. Ela se separou de meu pai e teve que voltar ao mercado de trabalho e eu acabei ajudando minha mãe a concluir o último ano do ensino médio, porque ela casou e meu pai proibiu de estudar e ela concluiu o último ano depois. Passou no vestibular da URCA e foi uma excelente aluna, mas a experiência que ela nunca esquece foi na EJA, como professora de EJA e isso me marcou muito. Eu acabei acompanhando minha mãe nas visitas aos alunos, quando ela organizava festas, ela sempre fazia encontros diferentes e me pedia ajuda, eu sempre via o cuidado e o carinho que ela tinha pelos seus alunos e eu acabei copiando um pouco esse jeito dela com seus alunos. Minha mãe é uma referência muito grande para mim. (Professora BELEZA)

Alguns alunos marcaram minha trajetória de vida docente, com suas histórias de vida, com todas as dificuldades e a força em continuar tentando sempre. (Professora PERSEVERANÇA)

Me recordo de uma aluna que estudou comigo logo no início quando não tinha ainda muita prática e nem experiência de sala de aula de EJA, eu só tinha experiência com crianças e adolescentes. Eu fui descobrindo aos poucos como trabalhar com esse público de EJA, aí de repente eu me deparei com uma senhora que me disse que estava na sala de aula para aprender a ler, para ler a bíblia, porque sempre quando pedia para sua neta ler, ela se aborrecia. Isso faz com que a gente pense que todo o nosso esforço na escola só tem um único objetivo, mostrar um mundo que eles não conhecem, que não tiveram a chance de desvendar lá atrás, no passado, pois não tiveram a oportunidade. Isso me fez acreditar que a EJA era um trabalho diferenciado daquele que eu estava acostumada a fazer com crianças e adolescentes, pois era um trabalho de paciência, dedicação, amor e cuidado com as pessoas que tiveram tão pouco da vida (Professora LUTA)

Foi em 2017 uma aluna. Ela não faltava, cumpria os horários, ajudava aos colegas. E no final do ano, na festa de confraternização, ela pediu para fazer um depoimento e trouxe em meio às emoções, com lágrimas nos olhos, ela disse que o remédio para a cura da sua depressão foi ir para a escola todas as noites. E a partir daí eu vi que a modalidade EJA não é só pedagógica, ela também tem esse aspectocurativo, trabalhar com as emoções das pessoas e refazer um trajetória de vida. Nós que somos professoras de EJA temos um diferencial, não é só aquele que entra para ministrar aula é aquele que entra para interagir. (Professora ESPERANÇA)

No meu caso a pessoa que trago como importante na minha trajetória formativa é também a minha mãe. Ela não tinha formação, era analfabeta, mas era ela que dava a força para que seus filhos não fossem como ela. Que eles não permanecessem na ignorância, como ela dizia. Minha mãe apesar de analfabeta acompanhava diariamente a trajetória escolar de seus filhos. Ela fazia isso sentada na mesa e como não sabia ler, ela dizia, vocês vão estudar em voz alta para eu saber que vocês estão estudando. Minha mãe é uma motivação para que eu possa estar na EJA e possa estar auxiliando, ajudando aqueles que não sabem ler, nem escrever. Fazendo com que eles realmente possam alcançar esse sonho. (Professora GARRA)

2. Que lugares ou coisas me vêm à memória quando penso na minha trajetória formativa da docência na EJA?

A escola do SESI. Me lembro no dia de meu aniversário os alunos contrataram um carro de disk mensagem para mim. Eles faziam muita coisa boa para mim porque eu os cativei, tínhamos uma boa relação. (Professora PERSEVERANÇA)

A escola Josefa Alves de Sousa, que foi a primeira escola que trabalhei com EJA. (Professora GARRA)

As residências que visitamos em busca de alunos para fazermos as matrículas das turmas de EJA. Nos deparamos com moradias tão simples e ficávamos pensando: como fazemos para que este aluno seja motivado a sair de sua casa e vir para a escola? em busca de que?, para conseguir o que? (Professora ESPERANÇA)

O Barro Branco. Andávamos nas ruas em busca de alunos nesse bairro, batendo de porta em porta e mesmo nos deparando com alunos que diziam ter a vontade de ir para a escola estudar, eles não iam porque tinham o dinheiro para pagar a passagem do transporte todas as noites, a passagem era muito cara. Não conseguimos que eles permanecessem na escola por falta de transporte, então desse bairro nós temos apenas uma aluna que trabalha o dia todo em casa de família no centro da cidade, e quando sai do trabalho cai para a escola. Já que ela já está no centro, pois trabalha durante o dia todo em casa de família ela consegue ir à noite para a escola depois do horário de trabalho. Ela faz um esforço enorme para isso. (Professora LUTA)

Quando falamos nas trajetórias formativas eu penso em tudo o que contribui para a minha prática docente. Um lugar que me marcou também foram as casas dos alunos nos momentos de contatos das campanhas de matrícula que fazemos indo de casa em casa. Vemos todos os desafios que eles passam para estarem na sala de aula, isso me ensina a advogar pelo direito da Educação de Jovens e Adultos. (Professora BELEZA)

3. Que experiências considero constitutivas do meu processo formativo na EJA (anúncios e denúncias)?

Como anúncio trago essa experiência que estamos vivenciando nestes encontros dessa pesquisa, trago como anúncio e considero como construtiva para o meu processo formativo. E como denúncia digo que as gestões poderiam ter um olhar mais cuidadoso com a modalidade EJA e conseqüentemente com os profissionais dessa modalidade. (Professora ESPERANÇA)

Concordo com a professora ESPERANÇA, esses encontros tem sido muito bons para a gente, vamos sentir falta desse encontros. Como denúncia, gostaria de olhar mais cuidadoso para a EJA por parte da Secretaria Municipal de Educação. (Professora PERSEVERANÇA)

Como anúncio digo que necessitamos que as formações sejam mais significativas é o que estamos vivenciando nos momentos desses encontros, estão tendo significado. Nós estamos nos identificando com os encontros. São formativos, instrutivos e estão nos fortalecendo, nos enriquecendo e também é uma forma de descontrair e desabafarmos. Como denúncia, sentimos falta de perceberem que nós profissionais da EJA também fazemos parte da educação. Por vezes somos deixados um pouco de lado, ficamos à margem. Nós somos professores tão importantes quanto os outros do turno diurno. (Professora GARRRA)

Como anúncio, os encontros foram muito enriquecedores, pois nós temos uma carência muito grande de momentos formativos que sejam significativos, que façam sentido pra gente. E aqui encontramos isso, pois fez a gente debater, refletir, discutir sobre o nosso dia-a-dia da EJA. Denúncias – o que precisamos é que a secretaria de educação olhe para a gente com um olhar mais acolhedor. Nós somos professores da EJA e a EJA é diferente das demais modalidades, então porque somos cobrados da mesma forma? Tem que ter um pouco mais de empatia e ver que damos o nosso melhor. Depois dos anos pandêmicos ficou muito mais complicado manter salas de EJA e no entanto a cobrança é a mesma. Então ao invés de termos tantas cobranças, por que não somarmos forças, contribuindo no processo, para que melhore a situação. (Professora LUTA)

Como anúncio – essa experiência foi a mais formativa que eu tive até agora em relação à EJA, não me recordo de outra. Como denúncia – Porque não abraçar o processo desde o início, desde a campanha de matrícula junto com os professores da EJA, porque sempre sobra para o professor desde o momento da matrícula? O problema da EJA com relação à matrícula, frequência e permanência dos alunos nas salas não é um problema só do professor, e não é só local é no país todo. (Professora BELEZA)

4. Quais as experiências na docência em EJA me trouxeram um sentido de existência?

Experiências que me trouxeram sentindo quando vejo o brilho nos olhos do aluno que consegue entender e escrever o que lhe é apresentado, quando leva essa aprendizagem para melhorar a sua vida como ler o destino de ônibus, assinar o seu nome ao invés de colocar a digital, poder fazer pequenas tarefas do dia a dia que ele leia, como por exemplo, ler uma conta de água, o nome dos produtos que costuma usar, não mais pela cor ou formato, mas porque leu e entendeu a mensagem. Ajudar a ter maior agilidade com o lápis, não mais desenhando o seu nome, mas registrando com muito orgulho, deixando para trás um passado obscuro de quem vive no mundo não letrado, apenas de imagens e cores. Essa é a maior experiência da minha vida como professora de EJA. (Professora LUTA)

Como professora de EJA, temos a possibilidade de estar bem mais próximo da trajetória de vida dos alunos e em seus depoimentos sentimos o quanto somos responsáveis em muitos momentos, pela sonhos e expectativas. Como relatei, o depoimento de uma aluna, ao confidenciar para a turma que frequentar a escola, estar diariamente na sala de aula, foi para ela, a terapia para se curar de crises depressivas. Nosso trabalho é uma missão. Dá sentido de existência. Vale a pena! (Professora ESPERANÇA)

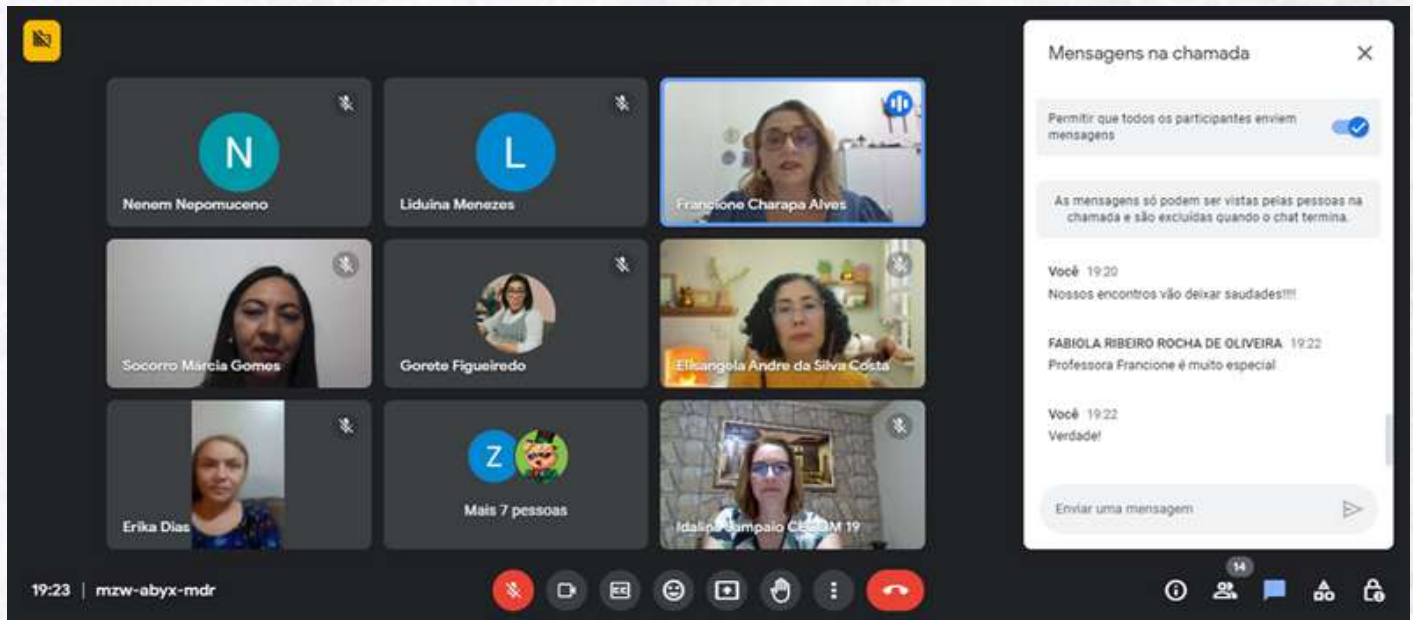
Todas as experiências vivenciadas me trouxeram um sentido de existência, como diz Renê Descartes "se penso logo existo", sendo professora de EJA tenho uma visão realista das turmas, pois a vida está em constante movimento, com isso vivenciamos coisas como, sentir, apreciar, acreditar, e viver, fazendo com que sintamos segurança em transmitir tudo isso para o nosso aluno. É essencial pensar e olhar para dentro de si, para o outro e para o entorno e entender a vida. É isso que nos ajuda a entender e encontrar um significado para nossa experiência. (Professora PERSEVERANÇA)

O conhecimento é a moeda de troca. Mas tem algo que adentra o conhecimento e envolve sentimento: a partilha de experiência. Me sinto gente quando o meu aluno é afetado de alguma por algo que vivi e conto para ele. Ele me conta algo na sequência que me marca, é infalível! Daí, juntamos esses saberes nas atividades e eles entendem que já sabem, mas precisam organizar na escrita e nos acontecimentos históricos do País. Só precisam contar em números lá dentro da matemática para fazer o que a escola faz de melhor: humanos. (Professora BELEZA)

Me ensinando sobre a pluralidade na vida e a força de lutar por algo que considera importante. (Professora GARRA)

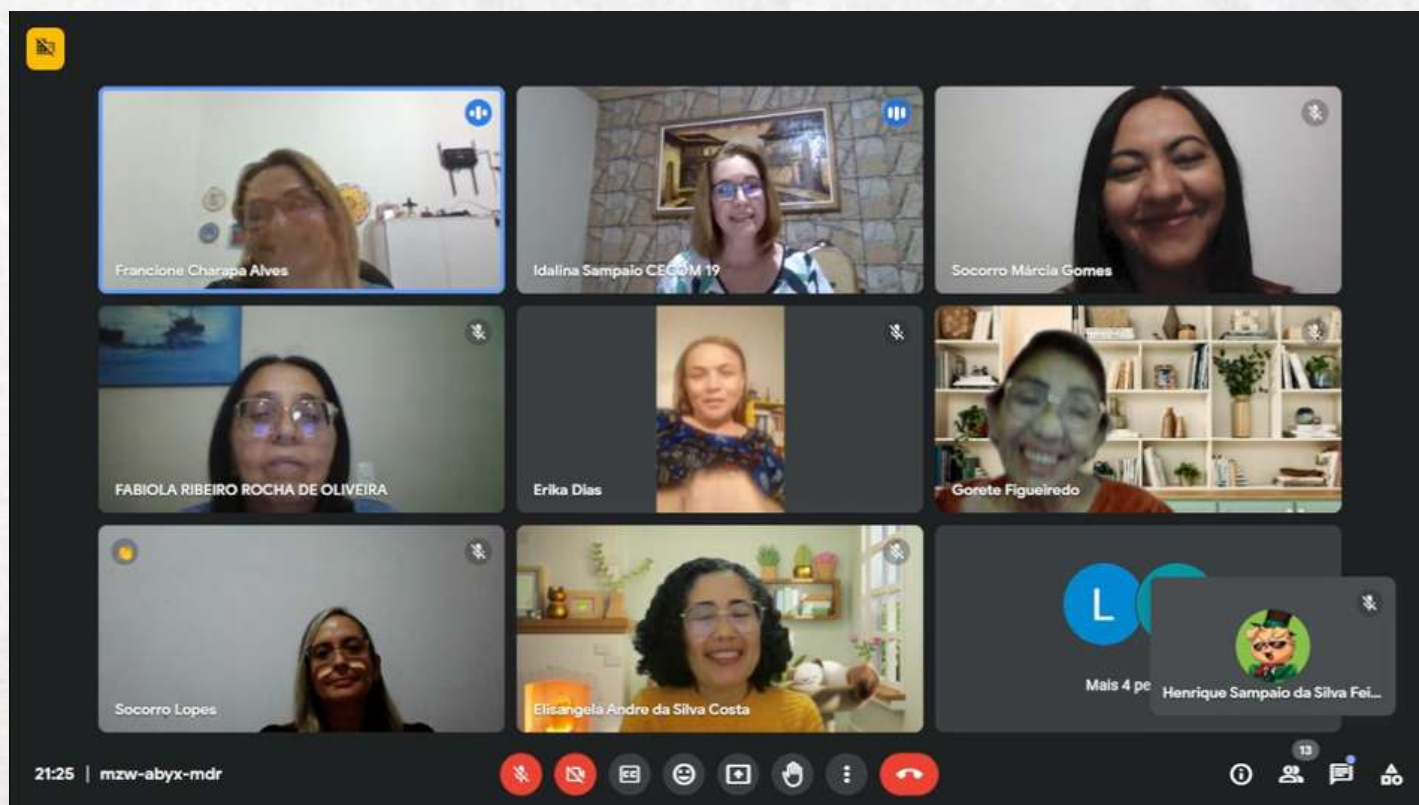
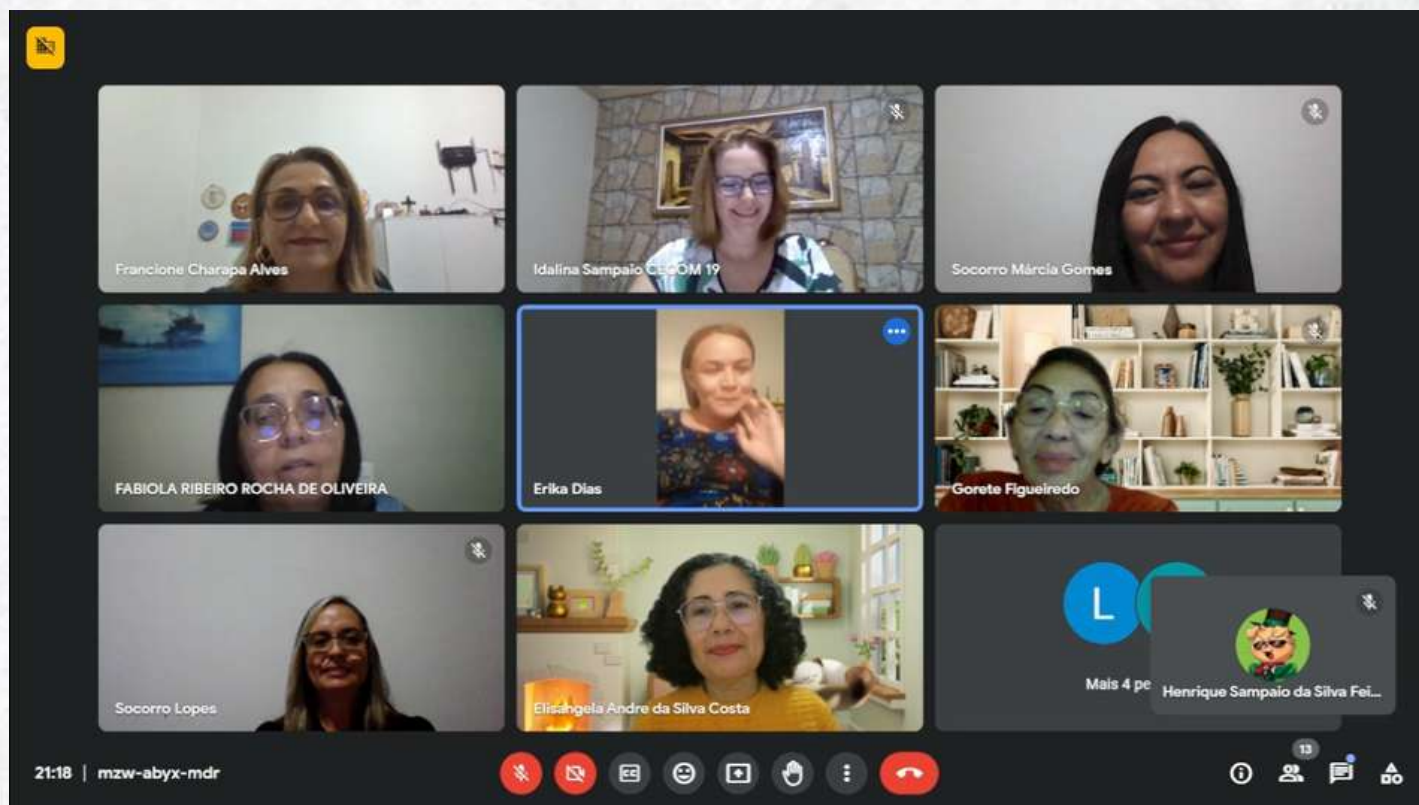
São inúmeras as experiências vividas na EJA que nos trazem um sentido de que vale sim a pena estar nela, sim posso fazer a diferença na vida dessas pessoas, mudar ou quem sabe aliviar a carga da vida sofrida com um pouco de conhecimento. As histórias de vida de cada um que está ali ou que já passou por mim fazem sempre acreditar que tudo na vida é realmente acreditar e ir em busca de seus objetivos. Não há obstáculo invencível para aqueles alunos da EJA que deixam suas casas para ir em busca de um sonho, seja de aprender seu próprio nome ou ler palavras antes desconhecidas, saber fazer contas de matemática para ter o controle de sua vida financeira, seja pra adquirir maior conhecimento para ter aquele emprego desejado. Os sonhos deles acabam que fazem parte dos nossos sonhos também, pois fazemos parte do ciclo de aprendizado deles. (Professora FORÇA)

Imagens do Encontro Formativo V



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Imagens do Encontro Formativo V



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

- A ideia de que a Educação de Jovens e Adultos é fruto de um contexto histórico de lutas e reivindicações que objetivam o reconhecimento e o respeito a essa modalidade de ensino retirando a mesma da invisibilidade;
- As temáticas escolhidas para os encontros formativos foram bem aceitas pelas professoras, levando as mesmas a afirmarem que foram encontros significativos para a sua melhoria nas ações docentes;
- Mesmo os encontros formativos tendo ocorrido de forma remota, possibilitaram um bom entrosamento, diálogos e reflexões produtivas, bem como uma escuta ativa e empática entre as professoras da EJA participantes da pesquisa e os formadores convidados;
- As atividades de construção de saberes propostas às professoras, em cada temática trabalhada, possibilitaram o desenvolvimento autoral, reflexivo e transformador de concepções e saberes;
- A parceria da gestão na escola, a qual as professoras são vinculadas, com relação ao apoio, permissão e a facilitação às mesmas para a sua participação na pesquisa e nos encontros formativos;
- Organização de atividades extras para os estudantes da EJA, nas turmas das professoras, referentes aos dias em que as mesmas estavam nos encontros formativos da pesquisa. Tudo isso combinado e organizado pela pesquisadora e o grupo gestor da escola, contando com a parceria e colaboração de profissionais que se dispuseram a estarem com os educandos com rodas de conversa, palestras e oficinas, com temáticas pertinentes à modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos;
- Em contraponto, trazemos a solicitação das professoras por melhores condições de trabalho e de manutenção da EJA na escola, com disponibilidade de materiais e acompanhamento pedagógico de qualidade, proporcionando oportunidades melhores de funcionamento, acontecendo da mesma forma que nas demais modalidades de ensino ofertadas nos turnos diurnos da mesma instituição;
- A falta ou a inexistência de material pedagógico que seja desenvolvido para a EJA, advindos das esferas municipal, estadual ou federal, respeitando as necessidades e a linguagem adequada ao estudante da Educação de Jovens e Adultos, com pertinência e significância ao desenvolvimento desses educandos, sem uma visão infantilizadora das atividades propostas;

- Os preciosos relatos de vivências e experiências de cada professora participante da pesquisa, sobre o seu percurso formativo, bem como da sua docência em sala de aula, em especial nas turmas de EJA;
- O sentimento positivo advindo das professoras com relação ao espaço de fala dado a elas nos momentos formativos, valorizando e respeitando a potência de suas narrativas, bem como de suas bagagens de conhecimentos práticos e teóricos;
- Foi possível visualizar as falas das professoras sendo desenvolvidas de maneira a transformar sua práxis, gerando protagonismo e empoderamento docente;
- A concepção que as professoras da EJA têm dos estudantes com os quais atuam, respeitando os seus desafios, seus limites, suas dificuldades e reconhecendo suas conquistas, seus avanços diários e suas histórias de vida;
- A importância do ato de conhecer os alunos e a suas histórias de vida, trazendo as narrativas dos mesmos para a prática docente viva da sala de aula, dando significado aos conteúdos trabalhados com a turma;
- O reconhecimento e a importância, por parte das professoras, com relação a educação para liberdade, e a educação como um ato político e emancipatório;
- A prática docente preocupada com os educandos e sua formação humana, bem como, com a frequência e a permanência dos mesmos na escola;
- O medo e a insegurança permanente, por parte das professoras, com relação ao fechamento de turmas de EJA e a não existência da modalidade no município;
- Formação inicial que não forma nem prepara o docente para sala de aula, em especial para a Educação de Jovens e Adultos, visando suas particularidades e peculiaridades;
- A quase inexistência de formações continuadas, no âmbito municipal, voltados aos docentes da Educação de Jovens e Adultos;
- Os encontros formativos junto às professoras da EJA nos proporcionaram uma visão reflexiva sobre como a formação pode e deve vir a ser acolhedora, participativa, libertadora e emancipatória para que o professor leve à sala de aula práticas que sigam estas vertentes junto aos educandos;

O Produto Educacional aqui apresentado representa a materialização do trabalho de pesquisa do Mestrado de Ensino e Formação Docente do Programa Pós Graduação em Ensino e Formação Docente – PPGEF (UNILAB/IFCE), realizado junto às professoras de EJA da Escola Senador Martiniano de Alencar da cidade de Barbalha – Ceará – Brasil, que teve como objetivo principal compreender os limites e possibilidades da formação vivida pelas professoras de EJA da Escola de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, na cidade de Barbalha - Ceará – Brasil.

O presente trabalho proporcionou o desvelamento e aprofundamento de temáticas, saberes e conhecimentos acerca do universo da Educação de Jovens e Adultos, através da construção dialógica e reflexiva, com a valorização das narrativas docentes em ricos Encontros Formativos que trabalharam as várias perspectivas/nuances da práxis educativa, dos saberes docentes de experiências, dos saberes docentes de humanização, entre outros, trazendo também à tona anúncios e denúncias a respeito da trajetória formativa docente, despertando a nossa visão mais aprofundada sobre esta.

Neste contexto, é possível afirmarmos que a pesquisa em questão ocorreu com um movimento de aproximação junto aos sujeitos partícipes do estudo, de forma ética e humana, com compreensão e respeito por suas falas, vivências e experiências, num enfoque empático, dialético e interativo entre as partes envolvidas no estudo, visando à formação/transformação dos saberes docentes, em um despertar para possíveis conquistas a serem alcançadas por meio do aprofundamento do conhecer-se como docente na sua práxis contínua como agente de transformação.

Este trabalho alerta para a importância de darmos maior visibilidade à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, bem como aos docentes que nela atuam, levando em conta suas peculiaridades e a importância das suas trajetórias formativas para a construção identitária do ser educador e transformador, com ações docentes emancipatórias e libertadoras, abrindo espaço para novos e possíveis estudos investigativos que levem ao fortalecimento desta modalidade de ensino tão importante para a conquista de direitos a cidadãos por demais negligenciados pela sociedade.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em Educação. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). (2013). Comunicado Conjunto nº 001/2013 – Áreas de Ensino e de Educação. Perspectivas de Cooperação e Articulação. CAPES: Brasília.

DINIZ-PEREIRA, J. E. . Síntese sistemática de pesquisas sobre práticas pedagógicas no Brasil: uma análise da produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Conceito 7 Capes (2006-2015). Práxis Educativa, [S. l.], v. 17, p. 1–29, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19601.032. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19601>.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Questões de método na construção da pesquisa em educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

PIMENTA. Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.